

A REVISTA DE NEGÓCIOS DO AÇO

SIDERURGIA

Brasil

GRIPS EDITORA – ANO 25 – Nº 178 – JULHO DE 2024

**IMPORTAÇÃO:
O QUE DIZEM AS TRADINGS**

NOVA SEÇÃO ENERGIA

H2

**CONGRESSO E EXPO AÇO BRASIL 2024:
COMO SERÁ A TRANSIÇÃO
ENERGÉTICA NA SIDERURGIA?**



DIGITAL

A ArcelorMittal tem o maior programa de investimento da indústria do aço no Brasil:

25 bilhões
de reais de 2022 a 2026

- A maior produtora de aço no Brasil
- Líder mundial
- 1.700 pesquisadores pelo mundo
- Produz 42% do aço do país
- R\$ 4,2 bilhões para energia renovável
- R\$ 60 milhões para as áreas de educação, cultura e esporte em 2023


ArcelorMittal

Conheça mais sobre a ArcelorMittal:



Unidade do Pecém
no estado do Ceará.

SIDERURGIA *Brasil*

4

EDITORIAL*O que acontece na siderurgia atual*

6

O AÇO BRASILEIRO*Virando a chavinha*

26

AÇO IMPORTADO*Ouvindo a voz do trading*

38

AUTOPEÇAS*A grave distorção da balança comercial de autopeças*

44

ENERGIA*Convergência onde não há convergência*

46

OPINIÃO*Por que não te calas?*

50

ESTATÍSTICAS

56

VITRINE

58

ANUNCIANTES

O QUE ACONTECE NA SIDERURGIA ATUAL

Henrique Patria
Editor responsável



Entre os dias 5 a 7 de agosto, os principais *stakeholders*, ou protagonistas da cadeia mundial do aço estarão reunidos no Congresso e Expo Aço Brasil 2024, em São Paulo. Serão três dias em que os principais assuntos ligados à transição energética, processos da introdução da Inteligência Artificial nas empresas, projeções políticas e cenários com os quais a indústria siderúrgica irá se defrontar nos próximos anos serão assuntos obrigatórios. E, certamente, todos os debates que giram em torno dessa temática não estarão restritos somente à apresentação das palestras e painéis programados no evento, como também serão objetos de discussões e manifestações de opiniões nos corredores do encontro.

Como vem acontecendo há vários anos, a *revista Siderurgia Brasil* mais uma vez se torna um dos mais eloquentes porta-vozes do setor siderúrgico nacional no âmbito desses diálogos, apresentando nesta edição um retrato fiel do atual estágio em que ele se encontra, por meio da difusão de opiniões, estatísticas, gráficos e demonstrativos esclarecedores acerca dos vieses que o compõem.

E, também como aconteceu nos Congressos anteriores a edição estará incluída no *hotsite* do Congresso, o que permitirá àqueles que o acompanharem, seja de maneira presencial ou *online*, ter acesso a nosso conteúdo que, temos certeza, ampliará exponencialmente nossa visibilidade no setor assim como servirá de importante ferramenta para a tomada de decisões coerentes para encarar os desafios que lhe serão inexoravelmente apresentados em um futuro imediato.

Nesse âmbito, um dos assuntos que, sem dúvida

alguma, vem mexendo com os ânimos do setor é a recente medida adotada pelo governo brasileiro, que definiu o novo regramento para as importações de aço, a partir do último dia 1º de junho. Agora, existe uma regulamentação de cotas, definidas por uma escala de percentuais de imposto para a entrada da liga em nosso país.

E, como era de se esperar, o assunto gerou controvérsias, principalmente, pelas *tradings* responsáveis por tais operações, e que vinham “nadando de braçada”, uma vez que o Brasil era um dos únicos e últimos países do mundo a estabelecer limites, que, sim, podem ser definidos como “protecionistas”, mas absolutamente necessários para o equacionamento de assimetrias inconsistentes que comprometiam a competitividade da indústria siderúrgica nacional. E, efetivamente, foi, a fim de melhorar as condições do *fair trade*. Se, isso vai ser suficiente, vai surtir os efeitos desejados, ou, ainda, ser a solução mais adequada, só o futuro irá dizer, porque o mercado é que, em última análise, será o “dono” dessa resposta.

Respeitando nosso compromisso com a verdade, e com o direito sagrado do jornalismo democrático e sempre imparcial de esclarecer nossos leitores sobre tudo o que acontece, julgamos pertinente e adequado buscar a voz das *trading companies*, a fim de que elas dessem sua visão sobre esse espinhoso tema, sob a forma de um painel de entrevistas no qual elas ilustram seu posicionamento por meio de argumentos dos representantes de duas das mais ativas, influentes e demandadas delas, que mantêm negócios em nosso país.

No contraponto, nesta edição também fomos ouvir a manifestação de um setor que, de manei-

ra contundente, vem sofrendo com a questão da importação: o de autopeças. Isso porque as indústrias nacionais que operam nesse mercado, convivem com sérias dificuldades atreladas à existência dos ex-tarifários, que colocam conjuntos de peças importadas no Brasil a preços sem a possibilidade real de competição. E o gigantesco *déficit* na balança comercial do setor só tende a aumentar com a continuidade dessa convivência. Confira o que nos falou o presidente do Sindipeças sobre a questão.

E em meio a tantos embates e controvérsias, temos estreia nesta edição: a nova seção “Energia”, que, em função da crescente relevância do assunto – um dos mais procurados e emblemáticos da modernidade –, já vinha sendo planejada há algum tempo. Assim, a partir deste número da revista, criamos um espaço especial em nossas páginas para exibir notícias relacionadas a ele. Complementarmente, trazemos ainda a palavra sempre serena, esclarecedora e muito apreciada do Prof. Ives Gandra da Silva Martins, que nos brinda com mais um artigo de sua autoria. E, claro, não poderiam faltar as estatísticas do setor siderúrgico, bem como a nossa seção “Vitrine”, repleta de informações preciosas para atualizar nossos leitores.

Agradecemos pela gentileza de sua leitura e mais uma vez nos colocamos ao seu dispor para ouvi-los em suas críticas, sugestões e até elogios, porque estes nos darão mais uma vez a certeza de que estamos no caminho certo.

Boa leitura!

Henrique Patria
henrique@grips.com.br

GRIPS

EDITORA

Ano 25 – nº 178 – Julho de 2024

Siderurgia Brasil é de propriedade da Grips Marketing e Negócios Ltda. com registro definitivo arquivado junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial sob nº 823.755.339.

Diretoria:

Henrique Isliker Patria
Maria da Glória Bernardo Isliker

Coordenação de TI:

Versão Digital
Vicente Bernardo
vicente@grips.com.br

Coordenação jurídica:

Marcia V. Vinci - OAB/SP 132.556
advogada.marciavidal@gmail.com

Produção:

Editor Responsável
Henrique Isliker Patria - MTb-SP 37.567
Reportagens Especiais
Marcus Frediani - MTb 13.953

Comercial:

henrique@grips.com.br
marcia@grips.com.br

Projeto Editorial:

Grips Editora

Projeto gráfico e Edição de Arte / DTP:

Via Papel Estúdio

Capa:

Criação: André Siqueira
Créditos: Montagem com fotos de divulgação e Shutterstock

Divulgação:

Através do portal: <https://siderurgiabrasil.com.br>

Observações:

A opinião expressada em artigos técnicos ou pelos entrevistados são de sua total responsabilidade e não refletem necessariamente a opinião dos editores.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS:

Grips Marketing e Negócios Ltda.
Rua Cardeal Arcoverde 1745 – conj. 113 São Paulo/SP – CEP 05407-002

Tel.: +55 11 3811-8822 - www.siderurgiabrasil.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou qualquer meio, sem prévia autorização.

ÍNDICE



VIRANDO A CHAVINHA

Fotomontagem: André Siqueira

Novo regramento sobre as importações de aço para o Brasil promove revisão das projeções de desempenho da siderurgia nacional e alimenta as esperanças de retomada do setor.

HENRIQUE PATRIA E MARCUS FREDIANI

Assim que foi divulgada, no dia 23 de abril deste ano, a resolução do Comitê Executivo de Gestão da Camex (Gecex), órgão da Câmara de Comércio Exterior (Camex), vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) – que estabeleceu a mudança no sistema tributário no Brasil em relação ao aço importado, o Instituto Aço Brasil passou a trabalhar com a análise das possibilidades e a revisão das projeções para o setor para 2024.

Com a iniciativa, definiu-se ao menos uma forma que promete dar um regramento à entrada de aços importados no país, que vinha sendo vendido a preços e condições que configuravam “dumping explícito”, ou seja, preços abaixo do custo, em ampla violação dos preceitos básicos do comércio, o que, em várias ocasiões foi postulado pelos diretores do Instituto. Assim, no dia 18 de junho, durante a realização da última Coletiva de Imprensa antes do Congresso e Expo Aço Brasil 2024 – evento que acontecerá entre os dias 5 e 7

de agosto, no Transamérica Expo Center, na capital paulista –, Jefferson De Paula e Marco Polo de Mello Lopes, respectivamente o presidente do Conselho Diretor e o presidente executivo da entidade, apresentaram as novas projeções que identificaram o norteamento do setor para este ano.

CONCORRÊNCIA DESPROPORCIONAL

Atualmente, o Brasil possui um parque industrial siderúrgico distribuído por vários estados, composto por 31 usinas produtoras, administradas por 11 grupos empresariais, sendo que 16 delas são integradas – aquelas que processam o minério de ferro em aço líquido e, posteriormente, em produtos laminados a partir de pelo menos um



Se é AVB, é Aço Verde, é de alta qualidade e é do Brasil!

Somos parceiros na construção de um amanhã mais sustentável e eficiente trabalhando pela inovação da siderurgia hoje!

Com tecnologias avançadas e investimentos em inovação, produzimos o aço verde com o menor índice de emissões de CO2 por tonelada de aço do mundo, fornecendo soluções para os mais diversos segmentos da indústria nacional.

Perfil da Indústria Brasileira do Aço



Acompanhe nossas redes sociais



Alto-Forno em funcionamento –, ou mais e 16 usinas que se utilizam do processo “*Mini-mills*”, que são aquelas que operam fornos elétricos, e fazem uso de sucata como principal matéria-prima do processo. Somadas hoje em dia, as produções dessas unidades atingem a capacidade instalada de 51 milhões de toneladas anuais.

Só que, apesar de toda essa capacidade teórica, nos últimos dois anos o setor conseguiu atingir pouco mais de 60% dela: em 2022, foram 34.089M/t, e, em 2023, somente 32.030M/t, sendo que a projeção ventilada em novembro do ano passado pelo Aço Brasil, efetivamente assustadora, era de somente 31.068M/t para o ano de 2024. Então, levando em consideração a dura realidade de que “os números não mentem”, isso indicava que estávamos regredindo, em vez de evoluirmos.

Segundo Jefferson De Paula – que além de presidente do Conselho Diretor do Aço Brasil é também presidente da ArcelorMittal Brasil e CEO da ArcelorMittal Aços Longos e Mineração LATAM –, apesar de todo o esforço e investimentos da indústria siderúrgica nacional voltado ao crescimento de sua produção, existem vários fatores que

contribuíram para o estado de coisas que vivemos hoje. Uma delas está relacionada ao excedente mundial, que no final do ano de 2023, segundo dados divulgados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pela Worldsteel, era de incríveis 556 milhões de toneladas, sendo a maior concentração delas proveniente da China.

E como é de conhecimento de todos, além da sua contínua expansão da produção de aço, houve também uma queda nos investimentos e no crescimento da construção civil naquele país asiático. E isso acabou tornando obrigatória a sua saída para as exportações da liga. O problema, é que o regime chinês injeta recursos por meio de subsídios em sua indústria do aço, bem como em outras modalidades, o que instala globalmente uma situação de concorrência desproporcional. Dessa forma, de acordo com estudos apresentados pelo Instituto às autoridades brasileiras, o aço chinês chegou a ser comercializado no país com uma margem negativa de 19,61% em relação ao preço de produção. E outro cruel componente nessa história é de que os países da América do Sul, entre os quais

SINOBRAS

INOVAÇÃO E EXPANSÃO

Uma nova fase se iniciou!
Com a bem-sucedida produção da primeira bobina de fio-máquina, duplicamos a nossa capacidade de produção e revolucionamos o mercado siderúrgico nacional.



Capacidade de produção aumentada de **380** para **850** mil toneladas de aço laminado/ano, impulsionando o desenvolvimento regional.



Novos produtos, como spooler e fio-máquina, já estão disponibilizados para o mercado nacional.



Investimento de mais de **R\$ 1 bilhão**, incluindo instalação da Laminação II e uma nova subestação de energia.

Juntos, construímos relações para um Brasil mais forte.



estamos inseridos, eram o único continente que permitia a chegada de aço chinês com pouquíssimas restrições, ou, em alguns casos, sem restrição alguma.

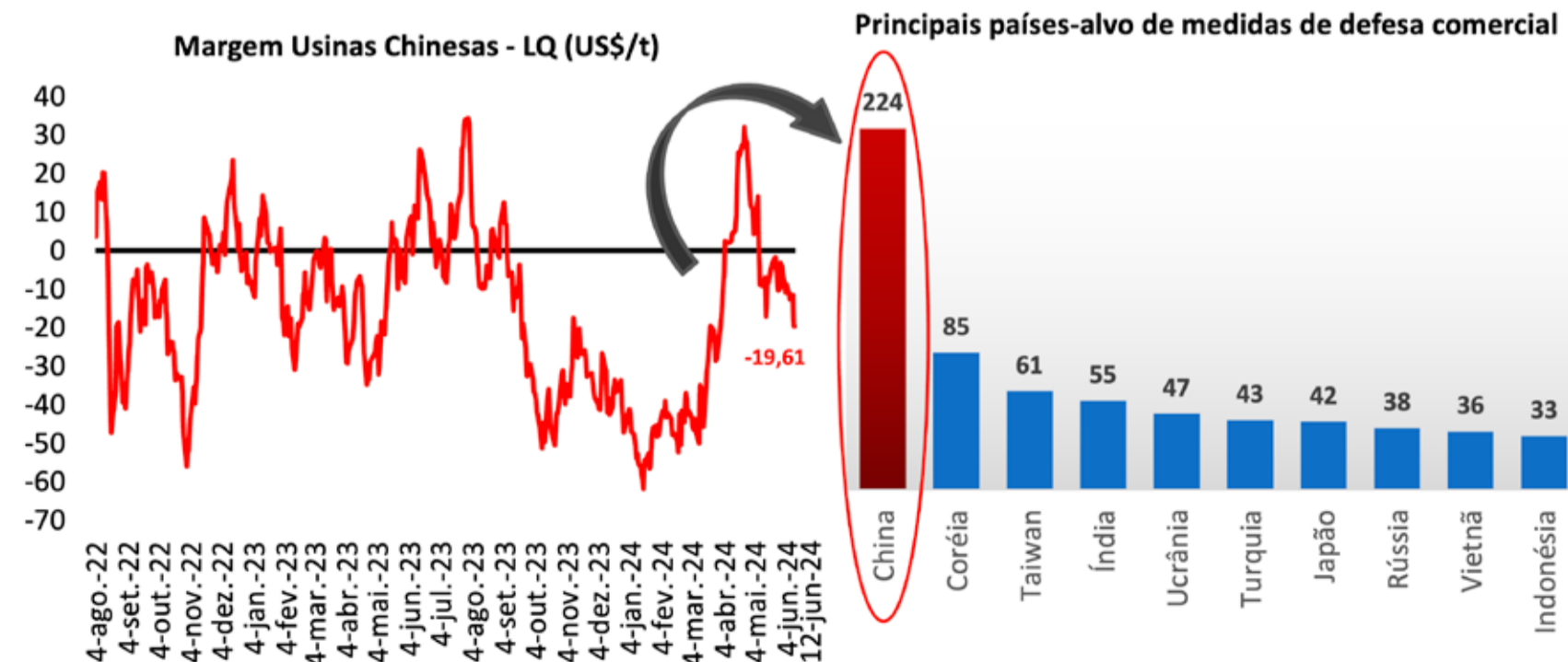
Assim, apesar de o Brasil estar posicionado como a 9ª maior nação produtora mundial de aço, a atual capacidade da China de exportação é de 100 milhões de toneladas anuais, o que corresponde a duas vezes a capacidade instalada brasileira, e ao triplo da produção nacional. Em outras palavras, a China, em apenas 11 dias, fabrica atualmente toda a produção

de aço que nosso país fabrica em um ano.

Ato contínuo, as nações mais desenvolvidas do planeta, como os Estados Unidos, trazendo a reboque o México, no âmbito correlato da América do Norte, além dos 27 países que compõem a União Europeia, adotaram tarifas de 25% para as importações, enquanto que os países do continente asiático definiram várias salvaguardas em favor de suas indústrias. E, inclusive, têm-se notícia de que os Estados Unidos estão elevando de 25% para 50% as tarifas para determinados tipos de aços.



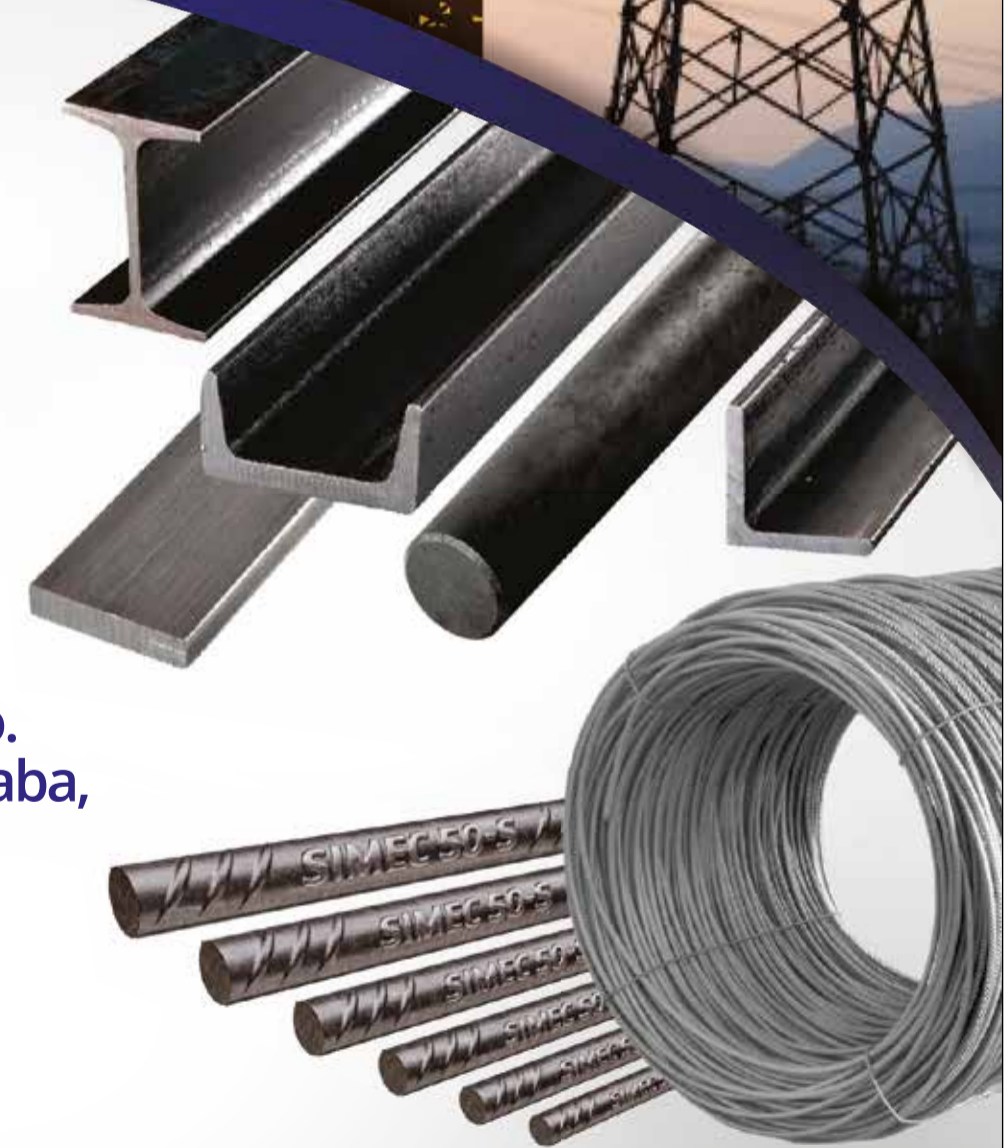
Evidências da concorrência predatória da siderurgia chinesa



Fonte: Steel Price Report - S&P Global Commodity Insights e OMC - Atualização do Estudo "Processos de defesa comercial na siderurgia mundial"

CONSTRUINDO O FUTURO COM AÇO.

O Grupo SIMEC é um dos maiores fabricantes de aços longos do mundo. Nossas unidades em Pindamonhangaba, Cariacica e Itaúna produzem mais de 1 milhão de toneladas por ano em produtos que estão presentes nas construções, estruturas e indústrias que movem o Brasil.



Telefones comerciais:
 Vergalhão e Fio Máquina: (11) 3262-1164
 Barras e perfis: (27) 3246-6251
 Exportação: (27) 3246-6293
www.gruposimec.com.br



Construindo o futuro

Nessa história, outro fato que está chamando a atenção é o de que, enquanto a China esta sendo alvo de inúmeros processos movidos por organismos mundiais pela prática de *dumping* – neste momento, são mapeados 224 deles –, ela tem direcionado investimentos em forma de participação em várias usinas de outros países asiáticos. O Comitê do Aço da OCDE estimou que até o ano de 2030 haverá um crescimento de cerca de 100 milhões de toneladas naquele continente, distribuído

Capacidade adicional no sudeste asiático

até 2030: **100 milhões de t**

Investimentos Chineses

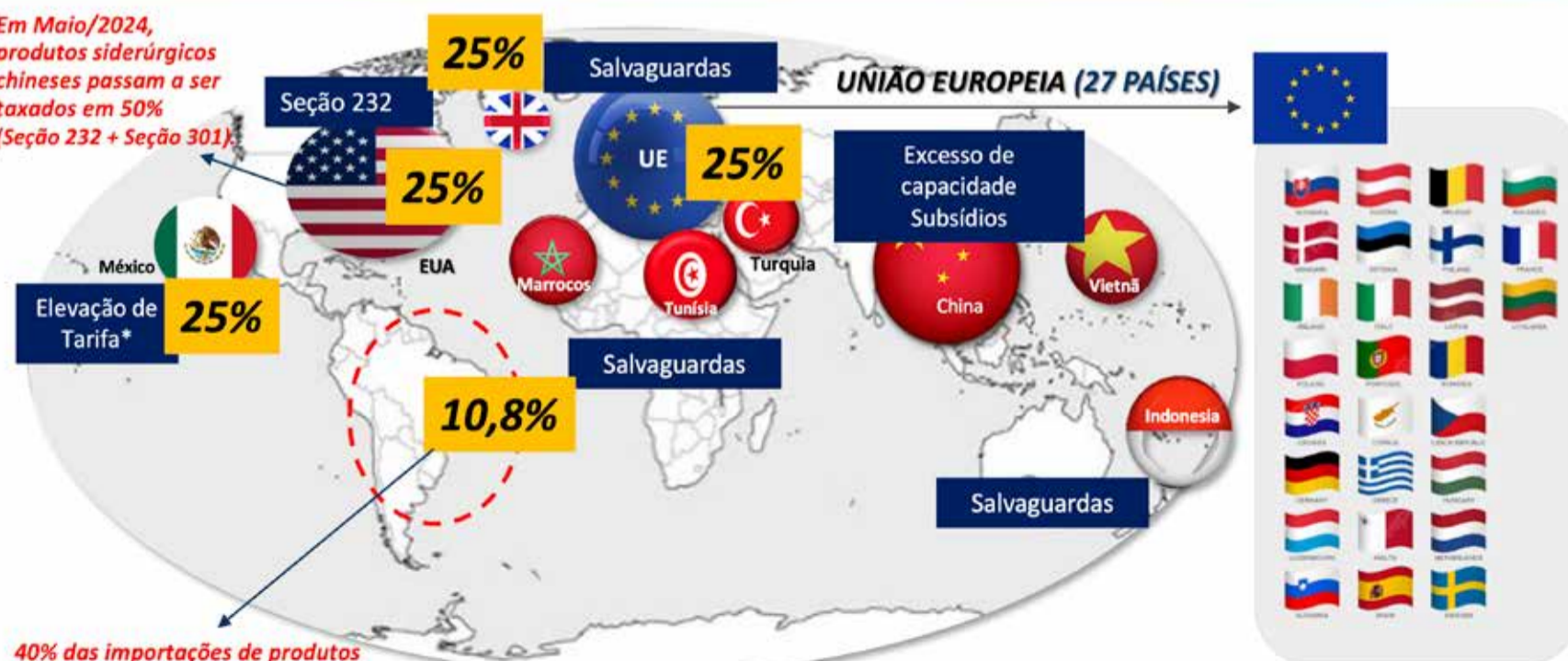
	Indonésia	28.3
	Filipinas	18.5
	Malásia	11.3
	Camboja	4.1
	Mianmar	4.0
	Vietnã	0.5

TOTAL 66.7

Fonte: Aço Brasil

Aço – Guerra de mercado

Em Maio/2024, produtos siderúrgicos chineses passam a ser taxados em 50% (Seção 232 + Seção 301)



40% das importações de produtos siderúrgicos entram por Santa Catarina, que concede subsídio de ICMS para importados.

*Tarifaço: Em abril/2019, o México elevou a tarifa de importação de aço de 0% para 15% Em 16/08/23 a tarifa passou para 25% / Fonte: OMC

Fonte: Aço Brasil

HÁ 80 ANOS FORJANDO O PRESENTE E TRANSFORMANDO O FUTURO

Desde 1944, a **Villares Metals** tem o compromisso de oferecer soluções que atendem às necessidades de quem busca excelência em **aços e ligas especiais**. Aqui, entendemos os desafios de cada cliente e trabalhamos para proporcionar **soluções eficazes que unem tradição e inovação**.

Nossos produtos atendem a diversos segmentos da indústria que requerem **alto desempenho, como aeroespacial**, óleo e gás, automotivo, ferramental e médico, para os quais fornecemos materiais de alta performance essenciais para a **segurança e a eficiência**.

Mais do que buscar excelência em processos, prezamos pelo **desenvolvimento sustentável** por meio de **ações voltadas ao ESG**, que reduzem o impacto ambiental, promovem bem-estar social e garantem uma governança transparente e responsável.

Hoje, **celebramos nosso legado com dedicação e paixão**, e queremos continuar essa jornada de sucesso ao seu lado, contribuindo de maneira **inovadora para o presente e transformando o futuro**.



por investimentos chineses em usinas da Indonésia (28,3M/t), das Filipinas (18,5M/t), da Malásia (11,3M/t), do Camboja (4,1M/t), do Mianmar (4M/t), do Vietnã (0,5M/t) e de outros, completando o montante.

COMO FICAM AS NOVAS REGRAS

A decisão que estabeleceu o novo regramento relacionado às importações de aço para o Brasil, que passou a vigorar no último dia 1º de junho, foi tomada pelo conjunto de Ministros do Gecex, levando em consideração as diversas reivindicações

apresentadas pelo Instituto Aço Brasil que vêm de muito tempo. A argumentação teve como documento básico a 'Lista de Desequilíbrios Comerciais, Conjunturais e de Recuperação de Volume da Siderurgia Brasileira'.

Nos últimos meses, teve início uma recuperação do consumo aparente, que é o indicador do consumo de um grupo, representado pela parcela da produção mais importações, menos exportações, só que vinha se recuperando baseado somente na importação em detrimento da indústria na-

cional. E a fórmula encontrada para equacionar a questão foi a definição de cotas de importação, com a taxa dos excedentes em 25%. Uma vez implantada esta medida será válida por 12 meses a partir de 1º de junho de 2024.

Na ocasião da divulgação da nova norma, o próprio MDIC informou em nota que o volume de importações dos 11 produtos de aço

havia superado em 30% a média das importações entre 2020 e 2022. Ainda segundo o documento, tornado público pela Agência Brasil de Notícias, os estudos técnicos mostraram que as cotas não trarão impacto nos preços ao consumidor nem à cadeia produtiva. "Durante 12 meses, o governo vai monitorar o comportamento do mercado. [...] E a expectativa [...] é de que a decisão con-

Média de importações das NCMs com cota-tarifa

NCM

1	7208.37.00 – Bobina Grossa
2	7208.38.90 – Bobina a Quente
3	7208.39.10 – Bobina a Quente
4	7208.39.90 – Bobina a Quente
5	7209.16.00 – Bobina a Frio
6	7209.17.00 – Bobina a Frio
7	7210.49.10 – Chapas Galvanizadas (HDG)
8	7210.61.00 – Chapas de Alumínio-Zinco
9	7213.91.90 – Fio-máquina
Total 9 NCMs	
1.584.392 t	

82,8 % sobre 18 NCMs

35,3 % sobre total de imp.

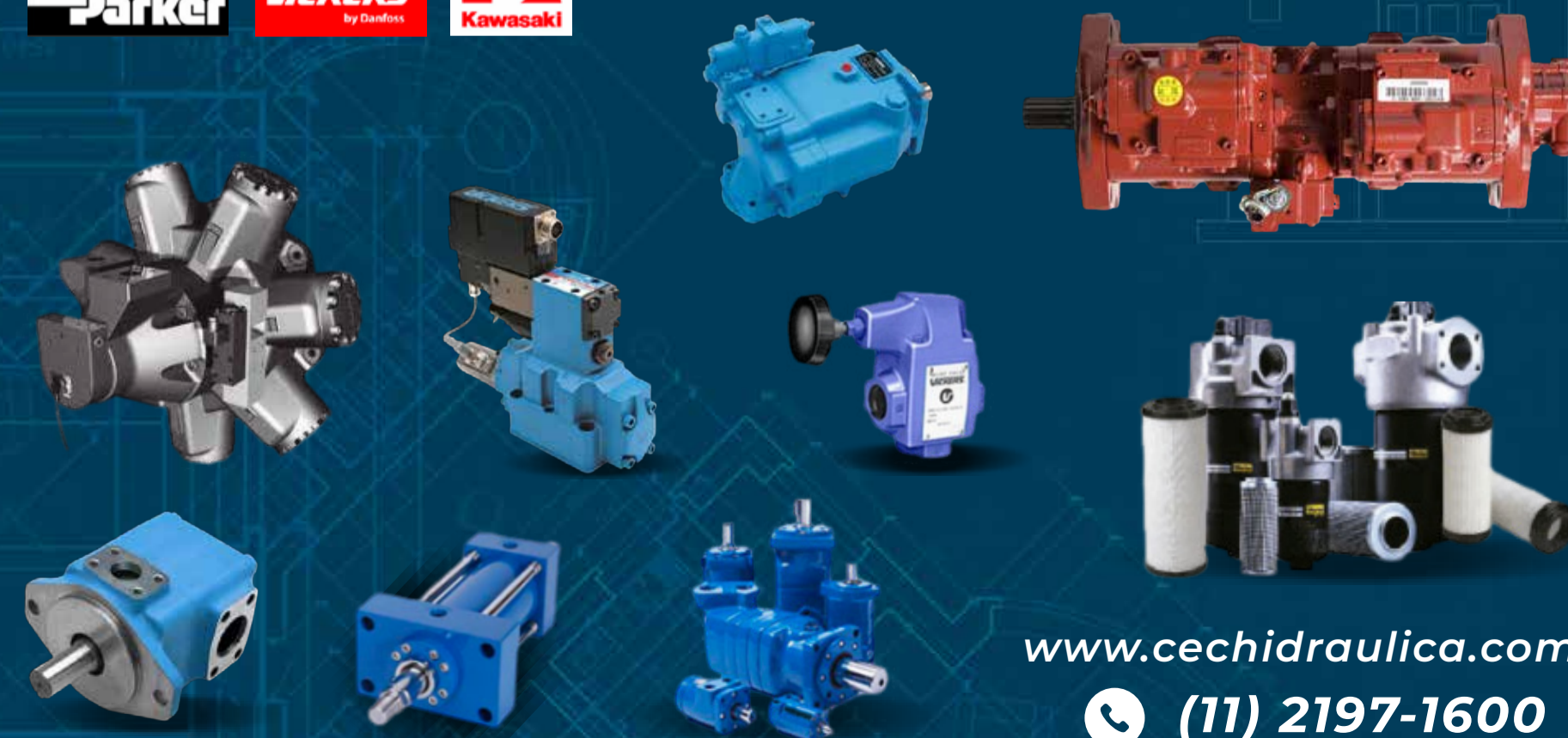
40,1 % sobre total de imp. (Excl. Semi)

Fonte: MDIC-SECEX

Bombas, Motores, Válvulas e Filtros Originais você encontra na CEC Hidráulica



Distribuidor Autorizado Vickers by Danfoss e Parker, com mais de **40 anos de experiência em hidráulica industrial**



www.cechidraulica.com.br

(11) 2197-1600

tribua para reduzir a capacidade ociosa da indústria siderúrgica nacional”, discorre o conteúdo da nota, contemplando uma antiga reivindicação do Instituto Aço Brasil.

Inicialmente, a proposta da entidade representativa da indústria siderúrgica nacional era do estabelecimento de uma alíquota única de 25% no geral, como acontece nos Estados Unidos, no México e nos países da União Europeia. Só que essa reivindicação acabou evoluindo para a definição de cotas por meio de uma equação tomada em conjunto pelos técnicos do governo, assessorados pelos técnicos do Instituto Aço Brasil. Em função disso, existe uma proporção de “80/20”, que é 80% para quem já tem histórico de importação, e 20% para quem ainda não o tem, e deseja criá-lo a partir de agora.

Dessa forma, o cálculo da cota ficou definido com a apuração das importações realizadas entre os anos de 2020 e 2022, com o estabelecimento de uma média, somada a um Delta de 30%. Segundo Marco Polo de Mello Lopes, no ato da implantação, observou-se um problema que já foi corrigido, mas que exigirá permanente atenção e fiscalização constante dos membros do

Comitê, formado pelos seus representantes em conjunto com os representantes do governo, que é o chamado “NCMs de Fuga” – Nomenclatura Comum do Mercosul.

Isso derivou do fato de que, como foram definidas as cotas para 9 NCMs, às quais, posteriormente, foram adicionadas mais quatro de um total de 273 NCMs, quem compõem todo o universo dos produtos siderúrgicos, começaram a surgir “produtos alternativos”, dependendo da adição de mais ou menos zinco, por exemplo, para fugir da legislação estabelecida. Contudo, a manobra foi prontamente identificada e revertida para que esses itens passassem a ser enquadrados na nova sistemática. “Acredito que tais tentativas deverão se repetir nos próximos meses, pois tudo é um aprendizado. Mas estamos com uma força tarefa montada exclusivamente para detectar essas práticas de fuga e fazer cumprir a regulamentação. Realizaremos reuniões mensais ou, se necessário, em intervalos até menores, para que todos os parâmetros estabelecidos sejam cumpridos, e possamos retomar o crescimento tão aguardado pela siderurgia e por toda a indústria nacional”, asseverou durante a Coletiva de Imprensa de junho.

Indústria forte faz o Brasil melhor.

ABIMETAL — Atua, em parceria com o Sictel, em defesa dos interesses das indústrias processadoras de aço, visando maior desenvolvimento, competitividade e fortalecimento do setor.

Principais serviços e atividades para os associados:

- ☑ Representação e requerimentos perante os poderes públicos, entidades e associações de classe;
- ☑ Promoção de estudos e elaboração de Normas Regulamentadoras e Técnicas;
- ☑ Elaboração de pleitos de “ex” tarifários: aquisição de máquinas e equipamentos importados (sem similar nacional) para redução de impostos;
- ☑ Departamento Econômico, Comércio Exterior, Defesa Comercial e Jurídico (tributário, fiscal e trabalhista) para análises e orientações;
- ☑ Participação em fóruns governamentais nas negociações de acordos internacionais;
- ☑ Manutenção de relacionamento ativo com associações públicas e privadas;
- ☑ Promoção de conhecimento para estimular empresas do setor;
- ☑ Atividades de networking e fortalecimento da competitividade para os associados;
- ☑ Celebração de convênios com objetivo de melhorar o ambiente de negócios;
- ☑ Emissão de certificado de origem e certificado digital com desconto para associados;
- ☑ Acesso a notícias globais e precificação mundial diária do aço;
- ☑ Câmara de Conciliação, Mediação e Arbitragem com atendimento especializado e diferenciado para as indústrias;
- ☑ Fornecimento de estrutura e instalações na Av. Paulista para associados receberem seus clientes no melhor ponto de São Paulo;
- ☑ Realização de cursos para melhorar o ambiente de negócios.

Faça parte!

Junte-se a nós.

Vamos construir **EM AÇO** um futuro mais forte.

MAIS INFORMAÇÕES

+55 (11) 3285-3522

sictel@sictel-abimetal.com.br

<https://sictel-abimetal.com.br>

📍 Av. Paulista, 1313 - 8º andar - Conj. 807

Ainda segundo o presidente executivo do Aço Brasil, o forte ingresso de aço importado no país, nos primeiros meses de 2024 limitaram o crescimento da produção nacional, que se manteve quase estável em relação a igual período de 2023. “Entretanto, esperamos que as medidas anunciadas pelo governo, em resposta às preocupações do setor causem a reversão dessa tendência, considerando a expectativa de uma efetiva aplicação dos mecanismos de defesa comercial estabelecidos”, complementou.

E, uma vez implantadas as novas regras disciplinando a entrada de aços importados, o Aço Brasil acredita que persistindo, ou se mantendo a continuidade do crescimento do consumo aparente registrada no 1º Semestre de 2024, deixarão de ser importados cerca de 1 milhão de toneladas de aço, revertendo esse número para a produção nacional.

NOVAS PROJEÇÕES PARA O SETOR

Diante desse novo quadro, o Instituto Aço Brasil apresentou suas novas projeções para

o ano de 2024. Assim, na produção, que havia sido estimada em novembro do ano passado em 31.068 M/t, com queda de 3%, a nova previsão é de que ela aumente em 0,7%, para 32.241M/t. Por sua vez, nas vendas para o mercado interno, nas quais era esperada uma queda de 6%, com 18.372 M/t, agora estima-se que elas crescerão 2,5%, para 20.024M/t.

Entretanto, nas exportações, em função do histórico mencionado aí atrás, estas deverão continuar com dificuldades. Na época da coletiva de imprensa, o Instituto Aço Brasil fez a projeção de que elas, em 2024 apresentassem uma redução de 1,3%, para 11.869M/t. Contudo, agora, a expectativa caiu bastante: deverão ser 4,2% menores, com 11.217M/t embarcadas

para o exterior. E a estimativa das importações, cujo montante esperado no final de 2023 era de 11.217M/t – devendo, portanto, aumentarem impressionantes 20% em 2024, com a chegada de 6.030M/t de aço ao Brasil –, caiu agora para 4.672 M/t, muito em função do que já chegou ao país antes da entrada em vigor da legislação das cotas. Com isso, a previsão do consumo aparente de aço no Brasil deve permanecer com crescimento de 1% variando de 24.629 M/t para 24.225M/t até o final do presente ano, sendo que a diferença nesse número será baseada na produção nacional.

“Após as novas projeções, a indústria do aço está pronta para retomar a sua escalada de investimentos anunciada que prevê no período

Estimativa para 2024				
VARIÁVEIS	Novembro/23		Atual	
	ESTIMADO 2024 (mil t)	24/23 (%)	ESTIMADO 2024 (mil t)	24/23 (%)
PRODUÇÃO DE AÇO BRUTO	31.068	-3,0	32.241	+0,7
VENDAS INTERNAS (*)	18.372	-6,0	20.024	+2,5
EXPORTAÇÕES	11.869	+1,3	11.217	-4,2
IMPORTAÇÕES	6.030	+20,0	4.672	-7,0
CONSUMO APARENTE (**)	24.209	+1,0	24.225	+1,0

(*) Exclui as vendas para dentro do parque. (**) Vendas Internas + Importação por Distribuidores e Consumidores. Fonte: Aço Brasil

Telas metálicas Teciam

Somos especialistas na produção de telas para fornos e peneiras vibratórias, além de outras aplicações.

Reconhecidas pela sua qualidade superior, resistência e precisão milimétrica da malha.

Faça já o seu orçamento! >>>

www.teciam.com.br
 +55 (11) 3326-3140 | +55 (11) 9 9469-3618



de 2023 a 2028, com investimentos da ordem de R\$ 100 bilhões”, enfatizou Jefferson de Paula no encontro com a Imprensa de junho.

Por ocasião da coletiva, Jefferson ainda lamentou a tentativa – ou uma efetiva formação em andamento – de uma coalizão entre algumas entidades empresariais consumidoras de aço, que se mostraram contrárias ao pleito da siderurgia nacional e fizeram gestões junto ao governo, visando a não definição do ajuste agora determinado e que dará condições de continuidade à siderurgia

nacional. Citou ainda que várias afiliadas já tinham definido pela paralisação de unidades ou desativação de equipamentos, além da suspensão dos investimentos previstos. Ele entende que o Brasil precisa de união de todos na busca do crescimento do desenvolvimento social. E, para isso uma indústria forte é fundamental. Citou ainda o fato de que, com a importação das 5 milhões de toneladas em 2023, o setor siderúrgico nacional teve uma perda de faturamento de R\$ 30,6 bilhões, e deixou de pagar R\$ 5,13 bilhões



ALACERO SUMMIT 2024



29 e 30 de outubro



Hotel Hilton Buenos Aires

O maior encontro da indústria do aço da América Latina

Saiba mais



SUMMIT.ALACERO.ORG



em impostos, materializando uma perda efetiva de arrecadação do governo, o que proporcionou a virtual “exportação” de 248.225 empregos no período, que deixaram de ser ocupados por trabalhadores brasileiros.

E finalizou dizendo: “É imprescindível que o sistema de Cota-Tarifa adotado pelo governo seja eficaz e atinja seu objetivo de bloquear as importações predatórias. A efetividade da medida é necessária para que

o setor possa seguir contribuindo para o crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável do Brasil, preservando investimentos e a geração de emprego e renda. A indústria do aço está à disposição

para engajar-se no esforço de retomada do crescimento do nosso país, e ser a base para iniciativas que se desenvolvam nas áreas de infraestrutura, saneamento, moradia, transportes e energia.” **S**

VEM AÍ O CONGRESSO E EXPO AÇO BRASIL 2024!

Entre os dias 5 e 7 de agosto de 2024, o Instituto Aço Brasil realizará a 34ª edição do Congresso Aço Brasil, no Transamerica Expo Center, na capital paulista. Esse evento traz como objetivo reunir stakeholders, especialistas e lideranças do cenário econômico e empresarial da indústria do aço. E a volta da ExpoAço é a grande novidade deste ano. Vitrine para divulgação de tecnologias, produtos e tendências, a feira também é uma oportunidade única para troca de conhecimentos e estabelecimento de parcerias e negócios.

Na abertura do Congresso, será realizada a cerimônia de posse dos novos presidente e vice-presidente do Conselho Diretor do Instituto Aço Brasil. Estão previstas as presenças de autoridades dos Governos Federal e Estadual. Entre elas, a do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva; o vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento da Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin; e o governador do Estado de São Paulo, Tarcísio de Freitas.

PROGRAMAÇÃO DE ALTO NÍVEL

A Conferência Magna sobre Geopolítica do aço marcará o

início dos debates no Congresso, tendo como moderador Sergio Leite de Andrade, conselheiro do Instituto Aço Brasil e vice-presidente de Assuntos Estratégicos da Usiminas. O keynote speaker será Paolo Rocca, presidente do Grupo Techint.

Na sequência, será realizado o primeiro painel do evento, que tratará do tema “Transição Energética e Descarbonização: Estratégias Rumo ao Aço com Baixa Emissão de GEEs”. Paulo Camilo, presidente da Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP) e membro da Coalizão Indústria, será o moderador. O keynote speaker será Rodrigo Rollemberg, secretário de Economia Verde, Descarbonização e Bioindústria do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Os debatedores serão Ana Toni, secretária nacional de Mudança do Clima do Ministério do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas (Ministério do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas (MMA)); Thais Terzian, analista e editora do Crude Steel Market Outlook e do Metallics Market Outlook da CRU, empresa global de inteligência de negócios de commodities; e Frederico Ayres Lima, conselheiro do Instituto Aço Brasil e diretor-presidente da Aperam South America.

GEOPOLÍTICA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Na manhã do dia 6 de agosto, será realizada a conferência especial “Inteligência Artificial e Inovação na Indústria”, com Walter Longo, Especialista em Inovação e Transformação Digital. O debate sobre “Geopolítica e Comércio Internacional do Aço – China e sua Política de Estado” terá como moderador André Bier Gerdau Johannpeter, conselheiro do Aço Brasil e vice-presidente executivo do Conselho de Administração da Gerdau. Como keynote speaker, participará Elizabeth Braw, pesquisadora sênior do Atlantic Council e autora do premiado livro “Goodbye Globalization”. Os debatedores serão Germano de Paula, professor da Universidade Federal de Uberlândia; Jesus Flores, presidente do Comitê de Economia e Relações Institucionais e membro da ALACERO; e Anthony de Carvalho, chefe da Unidade de Aço e economista sênior da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

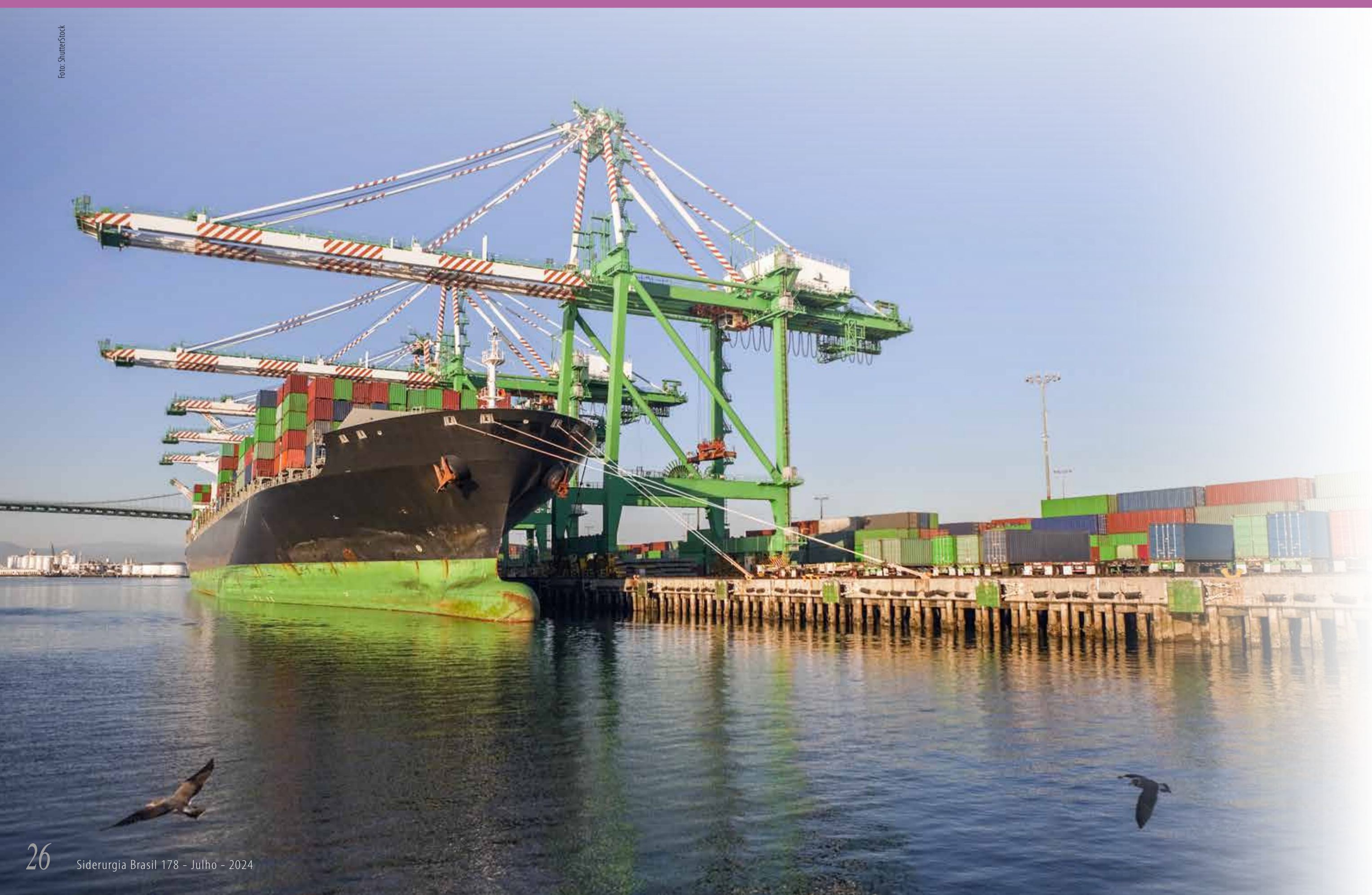
Já no dia 7, terceiro dia, a programação do Congresso trará a realização do painel “Os Desafios da Reindustrialização – Oportunidades e Riscos” e será moderado por Jorge Oliveira, CEO da ArcelorMittal Aços Planos América Latina e conselheiro do Instituto Aço Brasil, e terá Márcio Fernando Elias Rosa, secretário executivo

do MDIC, como keynote speaker. Os debatedores serão José Ricardo Roriz Coelho, da Coalizão Indústria e presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (ABIPLAST), e Léo de Castro, Presidente do Conselho Temático de Política Industrial e Desenvolvimento Tecnológico da Confederação Nacional da Indústria (CNI). E a Conferência Especial do dia será conduzida pelo cientista político Fernando Schuler.

Finalmente, o último painel do evento, “Perspectivas para a Indústria do Aço – A Visão dos CEOs”, que será moderado pelo presidente executivo do Instituto Aço Brasil, Marco Polo de Mello Lopes. Os debatedores serão Jefferson De Paula, presidente da ArcelorMittal Brasil e CEO da ArcelorMittal Aços Longos e Mineração LATAM; Gustavo Werneck, conselheiro do Instituto Aço Brasil e diretor-presidente e CEO da Gerdau; Marcelo Chara, conselheiro do Instituto Aço Brasil e presidente da Usiminas; e Silvia Nascimento, conselheira do Instituto Aço Brasil e presidente da Aço Verde do Brasil (AVB). E na cerimônia de encerramento do Congresso Aço Brasil 2024 está prevista a participação do ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira.

OUVINDO A VOZ DO *TRADING*

Foto: Shutterstock



No Jornalismo, ouvir os dois lados sobre uma questão é algo democraticamente obrigatório. Então, confira o que as trading companies de aço têm a dizer sobre a situação atual da siderurgia no Brasil.

MARCUS FREDIANI

No mundo dos negócios, são comuns diferentes visões sobre ações e dinâmicas realizadas para, digamos “mudar as regras do jogo”. E, com o intuito de preservar ou alterar as regras estabelecidas – que, se de um lado melhoram as condições de operação de alguns setores, e, de outro, as prejudicam –, é natural também que acirrados embates acabem surgindo, uma vez que os diferentes times em campo sempre tenham o direito de se manifestar e defender o seu lado nesse sentido.

Antonio Rosset, diretor comercial da Leeco Trading



Foto: Divulgação Leeco Trading

Como era de se esperar, a questão da chegada do aço importado ao Brasil, que, há muito tempo vem gerando discussões acirradas e antagonismos entre os produtores nacionais e as empresas que operam no sentido de facilitar e, efetivamente, introduzir a liga em nosso país em atendimento às demandas de seus clientes, não foge a essa regra. E como não poderia ser diferente, o que vem incendiando esses debates ultimamente é o estabelecimento pelo governo brasileiro da nova sistemática tarifária e de cotas para a importação de aço.

Dentro dessa polêmica, em que faíscas não param de brotar em ambos os lados, a **revista Siderurgia Brasil** realizou um esforço jornalístico democrático, e foi ouvir a voz de *trading companies* que incluem a importação de aço no seu portfólio de negócios, a fim de jogar luz sobre o tema para seus leitores. Assim, conversamos com Antonio Rosset, diretor comercial da Leeco Trading, empresa que tem sede em Orlando, nos Estados Unidos, e Amanda Verjovsky, que ocupa o cargo de *Business Development* na WM Trading, com sede na capital paulista. E dessa nossa conversa, surgiu este esclarecedor painel de entrevistas exclusiva. Leia, tire suas conclusões, e não deixe de comentar com a gente!

Revista Siderurgia Brasil: Que impactos o novo regramento estabelecido pelo governo, que impôs o aumento das taxas e a criação do sistema de cotas para importação de aço, trará para as operações das empresas de trading que atuam no setor no Brasil?

Antonio Rosset: A maior parte das *tradings* de metais que operam no Brasil são de origem americana, asiática e europeia. Os principais impactos são a redução das exportações de aço, redução das linhas de crédito internacional, pois grande parte das exportações de aço são financiadas para os importadores e, não menos importante, as *trading companies* que têm projetos de investimentos para o Brasil aguardarão o melhor momento para retornar ao mercado. Vale ressaltar que o Brasil importou mais de 5 milhões de toneladas de aço em 2023. Então, veremos uma redução expressiva nas importações em 2024.

Amanda Verjovsky: Seguindo a lógica de atuação do governo, que vem desde o final do ano passado com a evolução da revogação de ex-tarifário, combinada com a

criação do regime de cotas, já era esperado que houvesse algum movimento em relação à implementação do regime de cotas para o setor siderúrgico, devido ao volume representativo de importações desse material. Neste primeiro momento, não podemos dar um parecer definitivo, mas a situação é complexa, já que a cota é por quadrimestre. Uma das preocupações está na chegada das cargas versus a emissão das suas Licenças de Importação (LI). As Lis preveem autorização prévia ao embarque da carga, sendo que essas respeitam a respectiva cota disponível no momento da sua emissão. E, pelo fato de

que o regime ser por quadrimestre, é necessário combinar os embarques com a virada de cada uma das cotas.

E de que forma esses impactos deverão ser “transferidos” para os clientes que se valem da importação de aços, tais como, por exemplo, eventuais situa-



Nossos Produtos

Temos a estrutura para logística e beneficiamento de bobinas de aço, cortes transversais, slitters, blank e fabricação de telhas.

Slitters

Processamento em cortes longitudinais de aços laminados a frio e a quente, galvanizados, zincados e alumínio, nas espessuras de 0,25mm a 4,75mm e com largura até 1.800mm

Chapas Blanks

Desbobinamento e corte transversal de bobinas em aços laminados a frio e a quente, galvanizados, zincados e alumínio com larguras até 2100mm, nas espessuras de 0,25mm a 25mm.

Logística

Amplio espaço para logística de bobinas até 30 toneladas, chapas grossas LCG, perfis laminados a quente e aços especiais



Av. Senador Salgado Filho, 422 | Bairro Campina
São Leopoldo – RS | CEP: 93110-351
www.dalleaco.com.br | +55 51 3037-1300

ções de desabastecimento, aumento de preços e quebra na qualidade dos itens produzidos a partir deles?

Antonio Rosset: Não há como transferir em sua totalidade esses impactos para os clientes. Por outro lado, os maiores importadores não têm como parar de importar. Aqueles que têm cota continuarão importando, e pagando os 10.8% de imposto de importação. No fim da cota, terão que pagar obrigatoriamente os 25% de imposto estabelecidos pelo governo. Sem dúvida, teremos desabastecimentos para alguns tipos de aço, e veremos, aumento de preços nos próximos meses.

Amanda Verjovsky: Na verdade, nós da WM, não esperamos que haja inicialmente um aumento de preço ou desabastecimento do mercado. Haverá, sim, uma corrida pelas LIs emitidas, a fim de que os importadores consigam manter preços competitivos nas suas importações, e usufruir da redução no imposto de importação prevista.

O novo regramento adotado pelo governo brasileiro é uma reivindicação

bastante antiga da indústria siderúrgica nacional, no sentido de reduzir assimetrias competitivas relacionadas à crescente “invasão” de aços importados no Brasil, notadamente aqueles que vêm da China, razão pela qual, entre esses operadores, está sendo considerado uma grande conquista. Por outro lado, contudo, há quem diga que ele pode também ser considerado como uma medida protetiva excessiva, que se contrapõe à prática do livre comércio. Como você interpreta essa dicotomia?

Antonio Rosset: A China é o maior produtor de aço do mundo, com uma produção de mais de 1 bilhão de toneladas de aço por ano. Ela participa com mais de 16% do comércio global, e é, sem dúvida, a maior indústria do mundo. Em contrapartida, o Brasil produz 36 milhões de toneladas o que corresponde a dez dias da produção chinesa. Ou seja, participa com menos de 1% do comércio global, e tem um consumo *per capita* da ordem de 111kg ano. E é um país fechado ao comércio internacional. Para se ter ideia de como o Brasil está atrasado no consumo



Nossas Estiradoras fazem o trabalho mais rápido e processam mais bobinas por turno

Red Bud

Niveladoras Estiradoras (Stretcher Leveler)



SOLUÇÕES COMPLETAS PARA PROCESSAMENTO DE BOBINAS

Com mais de 30 anos de experiência e 60 Estiradoras *In-Line* vendidas, a Red Bud Industries é a especialista líder quando se trata da tecnologia de nivelamento por estiramento. Nossos sistemas de Nivelamento por Estiramento contam com os tempos de ciclo mais rápidos do setor. Nenhum outro se compara. Nossas pinças metálicas duram um ano ou mais e dispensam a utilização de calços de papelão. Nossas unidades também podem ser pareadas com a nossa Niveladora de Rolos de Grande Porte para a remoção da “memória da bobina e da coroa” antes de o material ser estirado, e os dois equipamentos trabalhando em sintonia produzem o material de maior planicidade do setor e totalmente livre de tensões internas.

Entre em contato com o nosso representante de vendas independente no Brasil

VPE Consultoria

11 -999860586

mader@vpeconsultoria.com.br



Red Bud Industries

RedBudIndustries.com | 001-618-282-3801





Amanda Verjovsky,
Business Development
na WM Trading

Foto: Amanda Verjovsky - Divulgação WM Trading

per capita, basta olharmos outros países produtores como a Coreia do Sul (1.075kg ano), China (665Kg ano) e Estados Unidos (290Kg ano). Até pouco tempo, o Brasil perdia para a Argentina, e perde para o México, que consome 186Kg ano. Então, a pergunta que devemos fazer é: como o setor de máquinas e equipamentos, automotivo e autopeças, linha branca, linha amarela e construção civil podem ser competitivos e conquistar novos mercados pagando

imposto de importação de 25%? Lembro que, anos atrás, quando eu trabalhava na Hyundai Corporation, as montadoras pressionaram o governo para aumentar o IPI do carro importado. E o que aconteceu? As importações dos carros importados reduziram? Não. Assim, costumo dizer que o problema não é a matéria-prima importada, e, sim, o Custo Brasil, que se resume a uma carga tributária confusa e alta, juros elevados, insegurança jurídica e escân-

dalos no governo. Custa caro produzir no Brasil. E é por isso que algumas montadoras fecharam as portas no país. Então, creio que se deve atacar o verdadeiro problema que torna as empresas brasileiras pouco competitivas em relação àquelas de outros países e, certamente, não as importações da China.

Amanda Verjovsky: Entendemos a posição do governo no que diz respeito à proteção do mercado interno, e a garantia da indústria nacional. Entretanto, existe um outro lado relacionado à necessidade de matéria-prima do mercado nacional, que hoje pode não ser suprida somente com o fornecimento local. Em comparação com o produzido no Brasil, a diferença do aço importado – especialmente o da China – está relacionada principalmente ao volume de suprimento. Os produtores estrangeiros conseguem fornecer em maiores volumes do material, e

em menos tempo, mantendo a sua qualidade. Isso é fruto de investimentos realizados ao longo de anos por esses países, comparado à nossa indústria nacional, que sempre buscou se capacitar para chegar ao patamar de produção em que se encontra. Hoje, no Brasil, se usa aço para galpões industriais, revestimentos, construção civil e linha branca, entre tantas outras aplicações. Nesse sentido, o aço importado ajuda também a controlar os preços do mercado nacional, e, por esse motivo, é de suma importância que prevaleça a sua permanência no país, já que isso influencia, inclusive, a manutenção da inflação no Brasil.

A partir das novas regras, receia-se uma reação dura dos países exportadores de aço para o Brasil, notadamente da China, principal destino e parceiro comercial do nosso país em termos de exportações. Vocês acreditam que isso



Foto: Divulgação

O MAIS COMPLETO ESTOQUE DE AÇOS PLANOS DO BRASIL

- LAMINADOS A QUENTE
- LAMINADOS A FRIO
- CHAPAS GROSSAS
- PRODUTOS GALVANIZADOS

HÁ MAIS DE 60 ANOS FORNECENDO PRODUTOS DE QUALIDADE

BENA FER

Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais – Paraná – Rio Grande do Sul www.benafer.com.br

possa vir a acontecer? E como avaliam os eventuais impactos dessa reação, caso ela, realmente, venha a acontecer?

Antonio Rosset: Em primeiro lugar, devemos esperar uma reação dura dos empresários brasileiros que não investirão no Brasil e, em seguida, de os investidores estrangeiros. Acho que esse tipo de medida de aumento de impostos afugenta investidores. Como eu disse aí atrás, o Brasil participa com menos de 1% do comércio global, e não pode dar-se ao luxo de fechar ainda mais o seu mercado. Agora, sobre a China, fica difícil analisar se haverá alguma reação dura. Alguém pode dizer que o Brasil tem recebido investimentos estrangeiros, principalmente da China. A pergunta que devemos fazer é se não houvesse o aumento do imposto o Brasil não estaria recebendo mais investimentos internacionais? O México tem recebido mais investimentos do que o Brasil, notadamente de empresas chinesas. A insegurança jurídica, a carga tributária alta e os escândalos são fatores que afastam investimentos, não importando a nacionalidade. Vale lembrar que a carga tributária de alguns países desenvolvidos é menor do que a car-

ga tributária brasileira. Aumento de imposto não é a solução para resolver o problema da competitividade das indústrias brasileiras. Então, a solução é reduzir a carga tributária no processo de produção, facilitar o crédito para as empresas, além da insegurança jurídica, que tem sido um grande problema no Brasil. Aliás, o país é um dos poucos do mundo a usar o imposto de importação como política industrial. E, a propósito disso, qual é mesmo a política industrial do Brasil?

Amanda Verjovsky: A China é um país que tem muito interesse em manter uma relação comercial saudável com o Brasil. Os governos sempre estão dispostos a conversar, e é inegável a grande entrada de produtos chineses no país, como veículos elétricos e os equipamentos utilizados no setor fotovoltaico. Neste cenário, não devemos limitar a análise a um produto, mas enxergar todo o espectro de produtos transacionados entre os países. Acreditamos que, neste primeiro momento, não haverá uma movimentação diplomática negativa, até porque a própria regulamentação prevê, no caso de esgotamento de cota, a utilização de parte condicionada ao desembaraço aduaneiro de carga anteriormente impor-

PORTAL E REVISTA

SIDERURGIA *Brasil*

A MELHOR FERRAMENTA PARA DIVULGAR SUA MARCA

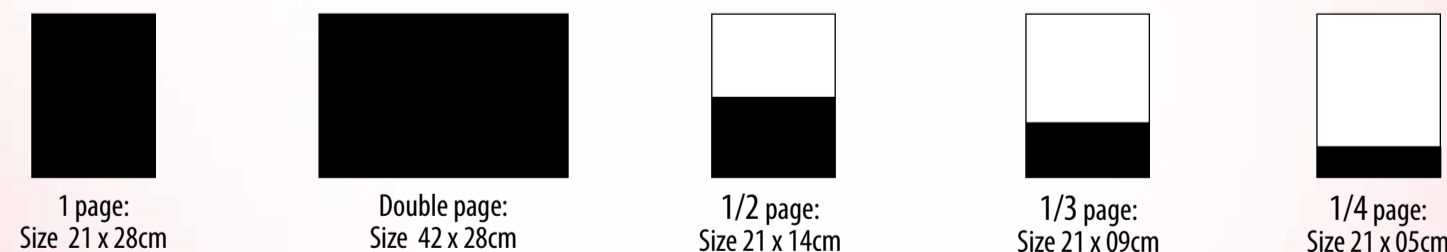


Seja qual for a área de atuação, coloque sua marca em evidência. Estamos há 25 anos, atuando nos negócios do aço brasileiro. Os acessos em nosso portal superam a 350 mil/pageviews/mês. Mais de 4 milhões/ano

PROGRAMAÇÃO DE JULHO A DEZEMBRO 2024

Mês	Pautas básicas
Julho	Congresso e Exposição Aço Brasil
Agosto	Máquinas e Equipamentos para processamento de aços Aços Especiais
Setembro	A siderurgia e o agronegócio Aços utilizados na Construção Cívil
Outubro	Tubos e Peças Tubulares de Aço Aços Revestidos – Galvanizados
Novembro	Processamento, distribuição e revenda de aços
Dezembro	Retrospectiva do Ano

ESCOLHA O FORMATO DE SEU ANÚNCIO



FAÇA AGORA SUA PROGRAMAÇÃO



diretoria@grips.com.br – (11) 9 9633 6164
www.siderurgiabrasil.com.br

tada. Além disso, associações específicas do setor têm um papel crucial em mediar essas questões, e garantir que os interesses comerciais sejam mantidos de forma equilibrada. A expectativa de importação dos diferentes tipos de aço em 2024 no Brasil é de 5 milhões de toneladas. Portanto, é uma demanda relevante, e que não será desconsiderada.

Sabemos que algumas entidades representativas de vários setores da economia brasileira já formaram uma coalizão, por meio da qual, pretendem agir contra o novo regramento relacionado às importações de aço para o Brasil. Já existe alguma movimentação semelhante por parte das operadoras de trading?

Antonio Rosset: Fui presidente da Câmara Oficial de Comércio e Indústria Brasil-Rússia, trabalhei no Consulado da Índia e nas maiores *trading companies* de aço do mundo, tais como a Hyundai Corporation, que já mencionei, além da Samsung e da LG. Atualmente sou diretor comercial da Leeco Trading, braço de importação e exportação de um dos maiores distribuidores de aço dos Estados Unidos, a Leeco Steel. E pela mi-

nha experiência de mais de 27 anos no aço importado, tenho conversado com outras *trading companies* que demonstraram interesse em informar ao governo as vantagens do aço importado para a economia brasileira. Em paralelo, a Leeco Trading está organizando um evento intitulado Conferência do Aço no World Trade Center, no dia 15 de agosto de 2024, a partir das 8h30 da manhã. Teremos a participação de empresas chinesas, de distribuidores e da Fastmarkets, que é uma das agências de relatórios de preços de *commodities* (PRA) mais confiáveis nos mercados de metais e mineração e energia de nova geração, entre outros. A ideia desse encontro é falar sobre as vantagens do aço importado, as tendências de preço e a contribuição do aço na economia brasileira.

Final e objetivamente, quais são, na visão de vocês, as vantagens para clientes dos mais diversos setores que utilizam aço em suas operações no Brasil ao fazer a importação da liga?

Antonio Rosset: Os importadores contam com uma variedade de usinas no mundo. Somente nos aços revestidos temos mais

de 100 usinas na China. Portanto, as vantagens são: 1) Alta Qualidade; Preços Competitivos; Prazos Longos de Pagamento; e *Drawback*. E vale ainda lembrar que o aço importado ajuda a controlar a inflação e os preços domésticos.

Amanda Verjovsky: Ao importar a liga, as

vantagens para os clientes que utilizam aço em suas operações no Brasil incluem tecnologia de produção avançada, resultando em produtos de alto desempenho, redução de custos significativa em comparação com a produção nacional e uma ampla variedade de tipos de aço disponíveis para diferentes aplicações e necessidades. **S**

Maior mix de **TUBOS** do sul do Brasil!

 (51) 3464 - 2800

 Av. Guilherme Schell, 940
Canoas - RS

 cofercan

Cofercan
FORTE COMO O AÇO 


ArcelorMittal

Chapas
Telhas
Indústria
Construção Civil

A GRAVE DISTORÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL DE AUTOPEÇAS

O setor de autopeças está preparado para acompanhar o ciclo de investimentos anunciado pelas montadoras, mas a concessão de ex-tarifários sem prazos de vigência cria distorções difíceis de serem corrigidas.

HENRIQUE PATRIA E MARCUS FREDIANI

Nesta entrevista exclusiva concedida à *revista Siderurgia Brasil*, o presidente da Abipeças e do Sindipeças, Cláudio Sahad, esclarece sobre as dificuldades que o setor vem enfrentando, principalmente com a existência dos ex-tarifários, que permitem a importação de autopeças com alíquota reduzida, desde que não haja capacidade de produção local de autopeça equivalente.

Foto: Depositphotos





Cláudio Sahad, presidente da Abipeças e do Sindipeças

Ele alerta que tem ocorrido a importação com esse benefício de conjuntos inteiros, nos quais há componentes que existem na cadeia de produção de autopeças no Brasil. E isso, por extensão, prejudica a indústria nacional, que concorre de forma desigual com os importados. Confira e tire suas conclusões.

Revista Siderurgia Brasil: Até o ano passado, o setor de autopeças no Brasil vinha enfrentando dificuldades relacionadas ao déficit comercial em relação ao comércio internacional. Como está a situação neste momento?

Claudio Sahad: As previsões do Sindipeças indicam exportações da ordem de US\$ 8,12 bilhões, 10% a menos do que em 2023. Enquanto isso, as importações, que totalizaram

US\$ 20,09 bilhões no período, uma cifra 7% superiores às do ano passado. Com isso, o déficit comercial do país em autopeças deve ser de cerca de US\$ 12 bilhões, ou seja, um crescimento de 22,7% sobre o déficit registrado em 2023. A balança deficitária do setor é histórica, e esse déficit tem crescido expressivamente.

Nesse sentido, como o Sindipeças vem enfrentando o problema da chegada de peças ou de conjuntos prontos? Há alguma medida visando a estabelecer alguma regra para incentivar a indústria nacional?

O grande problema, apresentado e discutido detalhadamente em audiência com o vice-presidente da República e ministro de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Geraldo Alckmin (foto abaixo), no dia



Foto: Divulgação Sindipeças

3 de julho, são os ex-tarifários, que permitem a importação de autopeças com alíquota reduzida, desde que não haja capacidade de produção local de autopeça equivalente. Porém, o que tem ocorrido é a importação com esse benefício de conjuntos inteiros, nos quais há componentes que existem na cadeia de produção de autopeças no Brasil. Isso tem deformado a balança comercial brasileira de autopeças, e inibido a produção de conjuntos de mais tecnologia. A quantidade de itens na lista passou de 100, em 2010, para três mil em 2021. E, hoje, está em 8,5 mil, número com potencial de chegar a dez mil daqui a poucos meses. Além da arrumação desse desvio, defendemos que haja prazo de vigência de três anos na concessão de ex-tarifários, em uma escala que permita previsibilidade às empresas. E defendemos ainda que haja critério objetivo para concessão aos pleitos, para o qual apresentamos uma proposta do tipo "Raise the Bar", para corrigir tais distorções.

Como a indústria de autopeças está enfrentando a mudança de matriz para os carros elétricos ou híbridos? Existe movimentação de P&D trabalhando nesse sentido, com o objetivo de atender às futuras demandas?

Vou iniciar esta resposta de maneira mais abrangente: o setor de autopeças é formado por empresas de vários portes e origens de capital, desde pequenas e médias, nacionais e familiares, até grandes e gigantes multinacionais. Nossas PMEs são as fabricantes de componentes e, portanto, constituem a base da cadeia de fornecimento automotivo. Como gostava de definir Paulo Butori, ex-presidente do Sindipeças, elas são "os pés do gigante". E sem pés fortes, o gigante pode cair. Os investimentos em inovação, necessários em qualquer opção de rota tecnológica, são feitos de forma sistemática e constante. Os PPPs do Rota 2030, agora no âmbito do Mover, por exemplo, eram e devem continuar sendo fundamentais para inserir as empresas menores na rota do desenvolvimento, pois não há possibilidade de fazer parte dessa engrenagem complexa se não houver saúde financeira para investir. Até hoje, apesar dos entraves à competitividade que todos os setores da economia têm de enfrentar no Brasil, o setor de autopeças tem cumprido rigorosamente seus compromissos de fornecimento e suprido as necessidades de seus clientes montadoras.



Foto: Divulgação Grips

Objetivamente, há injeções previstas nesse sentido, uma vez que a Anfavea tem noticiado pesados investimentos visando a aumentar a sua produtividade, e melhorar seu desempenho em terras nacionais?

O setor de autopeças está preparado para acompanhar o ciclo de investimentos anunciado pelas montadoras. Quando há previsibilidade (demanda), nossas empresas também elevam seus investimentos. O volume previsto para 2024 é de cerca de R\$ 6,2 bilhões, 6,5% superior ao do ano anterior, com fortes possibilidades de aumentar nos próximos meses. E outros indicadores relacionados a isso podem ser conferidos no link <https://sindipecas.org.br/?126>.

Qual o espaço que as indústrias brasileiras poderão conseguir no cenário mundial em função do avanço das exigências pela descarbonização na produção?

Em virtude da grande diversidade de nossa matriz para a produção de energia limpa, o Brasil pode ocupar um lugar de muito destaque nas decisões mundiais acerca da descarbonização no setor dos transportes. A título de informação, é importante citar que o ciclo de produção de um veículo no Brasil emite cerca de um terço do CO2 no comparativo a um veículo idêntico

produzido na Europa. De fato, se tivermos políticas públicas para explorar adequadamente esse potencial, nossa indústria de transformação poderá performar um grande salto de qualidade. Defendemos a coexistência de várias rotas tecnológicas pró-descarbonização, que levem em conta as especificidades de cada mercado, pois o mundo é muito diverso, assim como são as fontes de energia. A eletrificação é um dos meios para redução da emissão de carbono, e pode coexistir com outros. No Brasil, considerando-se nossas especificidades e até mesmo as condições socioeconômicas, podemos ser grandes fabricantes de veículos híbridos *flex*, abastecidos com etanol. Também podemos nos tornar importante *hub* produtor e exportador de motores e veículos a combustão, que não devem ser mais produzidos na União Europeia e nos Estados Unidos, e que ainda terão longa vida no futuro, principalmente nos países em desenvolvimento, nos quais a população tem menor poder aquisitivo. Mas essa oportunidade também representa um grande desafio para toda a cadeia de produção. Uma das missões do Sindipeças é acompanhar as mudanças, a fim de manter seus associados bem informados, e com capacidade para refletir e tomar decisões estratégicas sobre o futuro de seus negócios. **S**

CONGRESSO AÇO BRASIL & EXPOAÇO 2024

5 - 7 | AGOSTO
São Paulo
 Transamérica Expo Center

INSCREVA-SE COM 10% DE DESCONTO

Participe do evento mais importante da cadeia do aço no Brasil.

Neste ano, o tradicional encontro que reúne stakeholders da indústria do aço, especialistas e lideranças dos cenários econômico e empresarial, traz de volta a ExpoAço, um dos maiores eventos de produtos, serviços e parceiros do setor.

FAÇA SUA INSCRIÇÃO COM 10% DE DESCONTO
 USE O CUPOM: SIDBRAPREMIUM (PREMIUM)
 SIDBRADIGITAL (DIGITAL)

REALIZAÇÃO: INSTITUTO AÇO BRASIL

PATROCÍNIO PREMIUM: ArcelorMittal, Gerdau, Ternium

PATROCÍNIO DIAMANTE: USIMINAS, VALE

PATROCÍNIO OURO: AVB, SINOBRAS

PATROCÍNIO PRATA: aperami

PATROCÍNIO BRONZE: CNI, Vale, Vallorec, VREARES METAIS

APOIO INSTITUCIONAL & MÍDIA: AARS, ABINOX, abm, Associação Brasileira de Siderurgistas, alacero, CBCA, IBRAM, ICZ, INDA, ABRMETAIS, SIDERCEL, siderurgia

CONVERGÊNCIA ONDE NÃO HÁ CONVERGÊNCIA

ANDREA VILLAÇA*

No Seminário Justiça Tarifária e Liberdade do Consumidor, promovido pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica – CCEE e pelo Ministério de Minas e Energia, foi possível perceber a complexidade do nosso setor elétrico, onde diversos agentes possuem interesses muitas vezes conflitantes.

Várias situações: Há os que defendem a manutenção dos subsídios, pois acreditam que são essenciais para atrair investimentos e incentivar o crescimento das fontes renováveis. Por outro lado, existem também os que defendem o fim dos subsídios, argumentando que isso reduziria a conta do consumidor e a necessidade de promover uma reestruturação tarifária para uma distribuição mais equitativa dos custos.

Temos também os que buscam incentivos para justificar seus investimentos em infraestrutura própria de geração de energia, argumentando que isso aliviaria a carga sobre o poder público... e os que defendem a necessidade de uma estrutura tarifária que permita a recuperação de investimentos e a manutenção da qualidade dos serviços.

E os que enfrentam o desafio de equilibrar os interesses de todo o setor, promovendo uma matriz energética sustentável e garantindo a segurança do fornecimento de energia.

A falta de “convergência”, uma palavra muito citada no setor elétrico, resulta, em grande parte, da diversidade de interesses conflitantes entre os agentes. Cada grupo defende seus interesses específicos, muitas vezes em oposição direta aos interesses de outros grupos. Essa fragmentação impede a formulação de políticas que possam ser amplamente aceitas e implementadas de maneira eficaz.

Como construir políticas públicas que atendam aos interesses de todos?

É necessário olhar para o setor elétrico como um todo, focando no consumidor, que é a razão de existir do setor. Como desonerar quem paga a conta, para que tenha incentivos para expandir seus negócios no Brasil com um custo de energia competitivo? Como aliviar a conta dos consumidores residenciais? Como transformar a energia em uma solução, e não em um problema, na hora de pagar a conta?

Todos os agentes têm razão em defender seus interesses. Precisamos das fontes renováveis, das termelétricas, de uma estrutura tarifária que remunere os investimentos das distribuidoras, dos autoprodutores que investem em energia, mesmo não sendo este o seu *core business*, e que ajudam a aliviar a carga sobre o setor público.

Estamos falando em descarbonização, da era do hidrogênio verde, mas ainda não conseguimos resolver questões cruciais para o próximo passo. Para avançar, precisamos de um diálogo aberto e transparente entre os diversos agentes do setor, com uma disposição real para assumir compromissos. Somente através da cooperação e do entendimento mútuo será possível encontrar soluções equilibradas que promovam a sustentabilidade, a eficiência e a justiça tarifária no setor elétrico brasileiro. **S**

Foto: Divulgação



***Andrea Villaça** é graduada em Administração, com MBA em Gestão de Negócios e pós-graduação em Formas Alternativas de Energia. É Conselheira de Administração na ABHAV – Associação Brasileira de Hidrogênio e Amônia Verdes e CEO da ALV Consultoria.

Foto: Divulgação



BRASIL TERÁ 20 NOVAS BIORREFINARIAS DE ETANOL DE MILHO

Atualmente, cerca de 20% do etanol consumido no Brasil é derivado do milho, evidenciando a importância estratégica das biorrefinarias para o futuro energético e econômico do País. Atualmente são 22 biorrefinarias em operação, sendo 11 delas no Mato Grosso. Segundo a União Nacional do Etanol de Milho (UNEM), 20 novas biorrefinarias estão com autorização de construção ou programadas para os próximos anos, sendo a maior parte delas no Centro-Oeste. Hoje, a maior usina de etanol do Brasil é de milho. O assunto é um dos temas que serão discutidos na Fenasucro & Agrocana que será realizada de 13 a 16 de agosto, em Sertãozinho/SP.

Foto: Divulgação



INAUGURAÇÃO DE USINA FOTOVOLTAICA

A Chem-Trend, empresa do Grupo de Especialidades Químicas Freudenberg acabam de inaugurar sua própria usina de geração de energia fotovoltaica, em Valinhos-SP, com capacidade de produzir 54.000 kWh/mês.

A unidade fotovoltaica, está instalada no estacionamento, ocupa uma área total de 2.332,9 m² e é composta por 882 módulos de 510Wp distribuídos em 128 vagas de estacionamento e irá atender integralmente à demanda de energia elétrica da fábrica que atua no desenvolvimento de agentes desmoldantes de alta qualidade, agentes de purga e outros aditivos químicos de processo. No projeto inicial a usina irá produzir por ano 648.000 kWh.

Foto: Divulgação



O AVANÇO DA ENERGIA EÓLICA

Segundo dados da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica), a matriz energética eólica recebeu US\$ 42,4 bilhões de investimentos, entre 2011 e 2022, resultando em 32GW de capacidade instalada em operação comercial e teste. Atualmente, é considerada a segunda maior fonte de matriz elétrica na produção brasileira, com mais de 10% do total.

Atualmente o Brasil possui vários grupos empresariais diretamente voltados para a geração e distribuição de energia de suas várias fontes. Uma delas é o Grupo Bolognesi Energia é um grupo privado nacional que investe em geração de energia através das fontes hídrica, biomassa, eólica e térmica, com atuação em oito estados.

ANUNCIE NA SEÇÃO ENERGIA



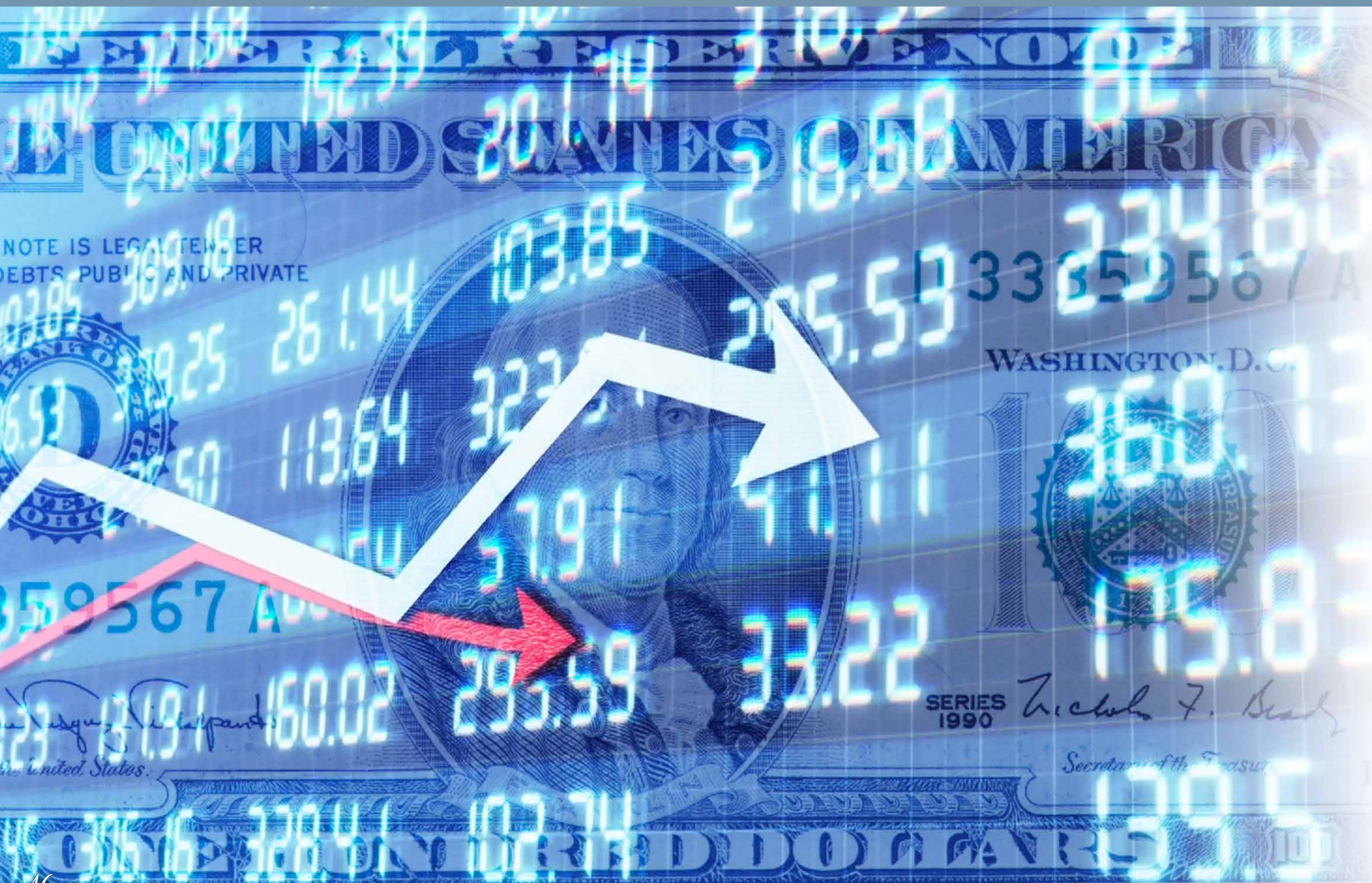
A nova seção da revista *Siderurgia Brasil* é voltada exclusivamente para a energia em todas as suas formas e em todas as suas operações comerciais.

Existe ainda a modalidade de patrocínio de toda a seção.

Consulte-nos:

diretoria@grips.com.br

POR QUE NÃO TE CALAS?



O desempenho do Brasil em relação ao dólar e à Bolsa de Valores tem sido o pior possível. Todos os países, dos mais importantes do mundo aos denominados países emergentes, tiveram um crescimento na Bolsa, ao contrário do Brasil.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS*

Participei da reunião do Conselho Superior de Estudos Nacionais e Política (COSENP) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), comandado pelo ex-presidente Michel Temer, que teve como conferencista Germano Rigotto (ex-governador do Rio Grande do Sul).

Foto: Montagem de André Siqueira com fotos de divulgação

Conversamos muito, durante os debates que tivemos, e concluímos que o presidente Lula tem que falar pouco. Cada vez que ele fala, prejudica a economia, o mercado, a Bolsa de Valores e, ainda, faz com que os investimentos se afastem do país. Tudo isso por causa dos preconceitos que ele tem contra o mercado, os investidores e contra aqueles a quem ele chama de elite empresarial. Praticamente todo o Conselho concordou.

O presidente Lula atrapalha o Ministro Haddad, que se esforça para ter um controle maior da economia e do arcabouço fiscal, que há muito os conhecedores entendem que dificilmente poderá ser cumprido. O certo é que cada vez que o presidente da República fala sobre economia, demonstra um profundo desconhecimento do que representa a política monetária, o que termina prejudicando o Brasil.

Ora, quase todos os analistas dizem que a recente queda na Bolsa e o aumento do dólar decorreu das reiteradas manifestações do presidente Lula, absolutamente contrárias às regras mínimas da economia, o que tem prejudicado o país.

O desempenho do Brasil em relação ao dólar e à Bolsa de Valores, tem sido o pior possível. Em relação às ações, todos os países, dos mais importantes do mundo aos denominados países emergentes, tiveram um crescimento na Bolsa. O Japão, 15,98%; os Estados Unidos, 13,87%; a Índia, 7,97%; a China, 1,93%; a Alemanha, 7,46%; a Itália, 7,62%. Enquanto todos os países do mundo cresceram, nós tivemos, no Brasil, uma queda no mesmo período de 10,50%.

Todos os países onde as Bolsas tiveram um desempenho positivo são aqueles nos quais, por causa de suas políticas, os investidores podem confiar. No Brasil tal confiabilidade cai porque os investidores têm grande preocupação em decorrência de frases como: “o que se tem que fazer é aumentar a tributação, elevar a arrecadação, reduzir juros”; deixando nosso presidente de perceber que sem política fiscal só resta o instrumento da política monetária.

Vamos examinar agora o comportamento do dólar. Em relação a todos os países do mundo, houve uma queda muito pequena. O rand sul-africano desvalorizou 0,17%, a libra esterlina, 0,34%, Singa-

pura, 2,42%, o dólar australiano, 2,88%. Então, todas elas tiveram uma pequena desvalorização. O dólar de Taiwan, 5,6%. Já o real desvalorizou 9,94%.

Ao avaliarmos, portanto, o desempenho das principais moedas, a nossa é a que teve o pior desempenho. Desvaloriza-se o real perante o dólar, o dólar sobe, a Bolsa cai e o presidente Lula continua fazendo manifestações que preocupam.

Após reunião com Fernando Haddad e Simone Tebet, na qual foi solicitada revisão de gastos, nada foi feito. Somente o corte de gastos fará com que o governo, por fim, reconheça que não é aumentando a tributação e reduzindo os juros que se combate a inflação; que não é deixando de fazer política fiscal e pretendendo destruir a política monetária que se con-



Foto: Divulgação

*Ives Gandra da Silva Martins

é professor emérito das universidades Mackenzie, Unip, Unifio, UniFMU, do Ciee/O Estado de São Paulo, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Superior de Guerra (ESG) e da Magistratura do Tribunal Regional Federal – 1ª Região, professor honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia), doutor honoris causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs PR e RS, catedrático da Universidade do Minho (Portugal), presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio -SP, ex-presidente da Academia Paulista de Letras (APL) e do Instituto dos Advogados de São Paulo (IASP).

segue atrair investimentos. Vale destacar: só se consegue atrair investimentos quando se tem estabilidade e segurança.

Ronald Coase e Douglas North foram dois prêmios Nobel de Economia. Eles diziam que é a estabilidade das instituições que garante o crescimento de um país através da economia de mercado. Essa estabilidade é o que o povo brasileiro quer.

O presidente Lula deveria saber, por ser presidente da República, que cada palavra sua influencia todos que a ouvem. E por essa razão não deveria falar de improviso, pois fala mal. Em segundo lugar, deveria realmente consultar os seus assessores que entendem de economia, para só depois manifestar-se, a fim de não

termos esses desastrosos resultados que os números da economia indicam. **S**

INÍCIO DA REAÇÃO NA PRODUÇÃO NACIONAL



Segundo o Instituto Aço Brasil, a produção de aço bruto no primeiro semestre mostrou crescimento de 2,4% em relação ao mesmo período do ano anterior, com 16,4 milhões de toneladas produzidas.

Esta diferença mesmo com o aumento de 23,9% na entrada de aço importado, na comparação com 2023. Foram internadas no período

2,7 milhões de toneladas, enquanto as exportações recuaram 25,3%, para 4,7 milhões de toneladas.

As vendas internas cresceram 3,5%, tendo atingido 10,1 milhões de toneladas. O consumo aparente de aço avançou 6%, para 12,4 milhões de toneladas, porém cresceram muito em função da chegada de aço importado.

As importações deverão mostrar no segundo semestre um novo cenário após a implantação da regulamentação que passou a vigorar em 1

de junho. Veja matéria específica na seção "O aço brasileiro" nesta edição.

Comparando com o mês anterior, houve avanço de 11,2% na produção de aço bruto, com 2,9 milhões de toneladas em junho. As vendas internas fecharam em 1,8 milhão de toneladas, aumento de 6,8%. O consumo aparente de produtos siderúrgicos teve variação positiva de 1,5%, tendo atingido 2,2 milhões de toneladas. Ainda na comparação com maio, as importações caíram 23,7%, com entrada de 428 mil toneladas, e as exportações registraram 647 mil toneladas, um recuo de 12,2%.

ICIA

O Índice de Confiança da Indústria do Aço (ICIA) fechou em 53,4 pontos em julho, crescimento de 3,9 pontos em relação ao mês anterior e maior patamar desde outubro de 2022.

JUNHO 2024 - PRODUÇÃO SIDERÚRGICA BRASILEIRA

Produto / Product	Junho / June		24/23 (%)	Jan-Jun / Jan-Jun		24/23 (%)
	2023	2024		2023	2024	
Produção de Aço Bruto / Crude Steel Production	2.571	2.874	11,8	16.050	16.433	2,4
Utilização da Capacidade Instalada / Capacity Utilization	60,6%	67,7%	7,1 p.p.	63,0%	64,5%	1,5 p.p.
Vendas Internas / Domestic Sales	1.639	1.828	11,5	9.808	10.148	3,5
Planos / Flats	916	1.057	15,4	5.555	5.859	5,5
Longos / Longs	691	741	7,3	4.085	4.097	0,3
Semiacabados / Semifinished	33	29	-10,1	168	192	14,0
Exportações / Exports	1.188	647	-45,5	6.234	4.659	-25,3
Importações / Imports	382	428	12,1	2.208	2.736	23,9
Consumo Aparente / Apparent Consumption	1.972	2.176	10,3	11.739	12.445	6,0
Taxa de Penetração / Import Penetration	16,9%	16,0%	-0,9 p.p.	16,4%	18,5%	2,1 p.p.

Nota / Note: Compreende todo o parque produtor de aço brasileiro / Comprises the entire Brazilian steel production park
 Nota / Note: Exclui as vendas para dentro do parque / Excludes intra steel companies sales
 Fonte / Source: Aço Brasil / MDIC

Unid. / Unit: Mil / Thousand Tonnes

PORTAL AgriMotor

O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO QUER FAZER NEGÓCIOS COM VOCÊ!



BOLETIM DO AGRONEGÓCIO

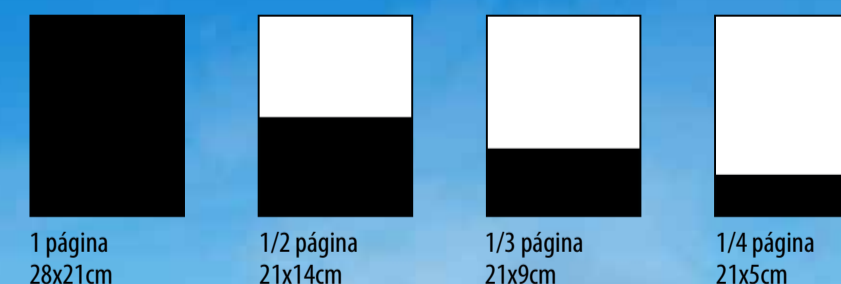


BANNERS

Serão milhares de Empresários, Diretores, CEOs e Alta Gerência de empresas do Agronegócio e Agribusiness, Proprietários rurais, Engenheiros agrônomos, Operadores logísticos, Autoridades governamentais, Cooperativas, Faculdades, Institutos de pesquisas e demais pessoas ligadas ao setor. Pessoas com capacidade de decisão nos postos que ocupam.

BOLETIM DO AGRONEGÓCIO:

Faça um anúncio de sua empresa, veja os formatos:



PORTAL : FORMATOS DOS BANNERS

TÍTULO	COLOCAÇÃO	ALTURA	LARGURA
Master	Central-Alto do portal	232 pixel	558 pixel
Lateral A	Direita do portal	520 pixel	360 pixel
Lateral B	Direita do portal	360 pixel	360 pixel
Central	Corpo do portal	232 pixel	558 pixel

Banners: Peso 250 Kb, em caso de animação no máximo 10 segundos.

OUTRAS FORMAS DE PUBLICIDADE:

Matérias exclusivas, notícias patrocinadas, plurieditoriais, entrevistas, vídeos e outros.



INFORMAÇÕES:
 diretoria@grips.com.br
 whats app (11) 9 9633 6164
 www.agrimotor.com.br

CHEGADA DE IMPORTADOS IMPACTA A INDÚSTRIA NACIONAL



Assim como aconteceu na siderurgia, onde foi travada uma batalha feroz com os órgãos governamentais até que fossem revistas as taxações para a chegada de produtos importados, a indústria automotiva também enfrenta grandes desafios com a chegada de veículos notadamente os elétricos fabricados na China.

Segundo dados da Anfavea neste primeiro semestre, foram quase 200 mil emplacamentos de modelos importados, 38% a mais do que no mesmo período do ano passado. Dessas 54,1 mil unidades a mais, os autoveículos de origem chinesa representaram 78% do total, com alta de 449% sobre o 1º semestre de 2023. E os mesmos carros chineses estão invadindo a América do Sul tomando o espaço que antes era da indústria brasileira. O recuo nas exportações é um reflexo desta situação.

Segundo Marcio de Lima Leite, presidente da Anfavea "Temos o Imposto de Importação mais baixo para modelos elétricos de origem chinesa no planeta, entre os países produtores, o que serve de atrativo para a importação acima de um saudável patamar de equilíbrio. Isso vem prejudicando nossa produção e ameaçando nossos investimentos e empregos. Por isso a demanda urgente da elevação do Imposto de Im-

portação para 35%, como ocorre com outros importados. E que seria um patamar relativamente baixo frente ao de outros mercados importantes".

A produção no primeiro semestre foi de 1,138 milhão de unidades, volume apenas 0,5% superior ao do ano passado. O setor de pesados tem motivos para festejar pois os caminhões fecharam o semestre com elevação de 36,5% na produção e 8% nas vendas, recuperando patamares normais já neste segundo ano de Proconve P8. Já os ônibus cresceram 53,8% em produção e caíram 21,8% em vendas.

Nas vendas internas este foi o melhor junho desde 2019 em emplacamentos, e teve a maior média diária deste ano, com 10.715 unidades. No acumulado do ano, foram 1,144 milhão de autoveículos emplacados, uma significativa elevação de 14,4% sobre o primeiro semestre de 2023.

Com estes números foram feitas revisões nas projeções da Anfavea para 2024. Os novos cenários indicam:

A produção foi revista para baixo, de 6,1% para 4,9%. As exportações, que tinham expectativa de alta de 0,7%, agora terão recuo de 20,8% e as vendas no ano, de 6,1% para 10,9%, com volume de 2,560 milhões de autoveículos.

Revisão das projeções (em mil unidades)					Anfavea	
	2023	PROJEÇÃO 2024		REVISÃO 2024		
Emplacamento	2.309	2.450	6,1%	2.560	10,9%	
LEVES	2.180	2.304	5,7%	2.417	10,9%	
PESADOS	129	146	13,6%	143	10,9%	
Exportação	404	407	0,7%	320	-20,8%	
LEVES	382	385	0,8%	300	-21,5%	
PESADOS	22	22	0,0%	20	-9,1%	
Produção	2.325	2.470	6,2%	2.440	4,9%	
LEVES	2.204	2.310	4,8%	2.280	3,4%	
PESADOS	121	160	32,1%	160	32,1%	

Fonte: ANFAVEA



QUALIDADE + PRODUTIVIDADE + INOVAÇÃO
QUALITY PRODUCTIVITY INNOVATION



LINHA DE CORTE TRANSVERSAL
CUT TO LENGTH LINE



LINHA DE CORTE TRANSVERSAL para até 8mm de espessura e Aços de Alta Resistência (até 1200 MPa e 40m/min.)
CUT TO LENGTH LINE for to 8mm thickness and High Strength Steels (to 1200 MPa and 40m/min.)

QUEDA DE PRODUÇÃO NA AMÉRICA LATINA EM MAIO



A Alacero Associação Latino-Americana do Aço entidade que reúne a cadeia de valor do aço da América Latina, divulgou um balanço do mês de maio de 2024 com as seguintes observações:

Em maio, a produção de aço bruto na América Latina foi de 4,4 milhões de toneladas (Mt) e a de aço laminado foi de 4,2 Mt., uma diminuição de 6,3% e 3,8%, respectivamente, em relação a abril. O acumulado de aço bruto produzido em 2024 é 4,5% inferior a 2023, totalizando 23,6 Mt.

Consumo de aço laminado – abril de 2024

O consumo cresceu 5,7% em comparação com março, atingindo 6,4 Mt. Em compara-

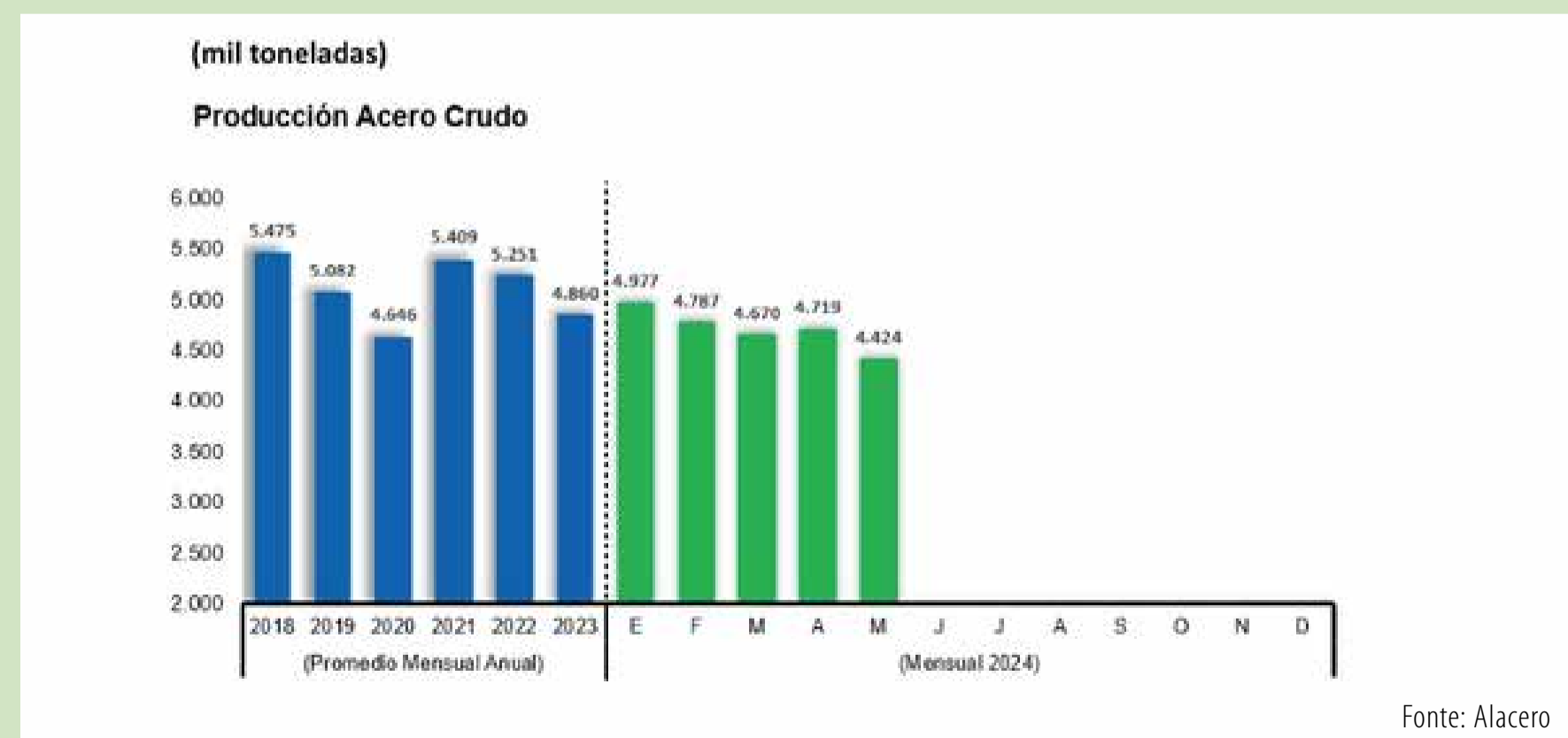
ção com abril do ano passado, o consumo é 6,4% superior. O acumulado do consumo é 1,4% maior em relação ao mesmo período de 2023, totalizando 23,9 Mt (23.881,4 mil t).

Análise da balança comercial – abril de 2024

Em abril, foi registrado um déficit de 2.013,1 mil toneladas, representando um aumento de 25,7% em comparação com o mesmo período de 2023 e 14,9% a mais que o mês anterior.

As importações totais representaram 41% do consumo aparente em abril, frente a 40% em março, uma cifra muito alta e 3% superior à média registrada em 2023.

Fonte: Assessoria de Imprensa Alacero



Fonte: Alacero

INDUSTRIA DE MÁQUINAS COLECIONA QUEDAS EM 2024



O ano de 2024 não têm sido bom para o setor de máquinas que é representado pela ABIMAQ. A última informação disponível dá conta que houve nova queda nas receitas líquidas de máquinas e equipamentos, tanto na comparação mensal quanto interanual. No ano a queda acumulada ficou em 17,8%. De acordo com a entidade este resultado foi impactado tanto pela piora no mercado doméstico como no externo.

Houve piora nos negócios no mercado agrícola, no setor de infraestrutura e na indústria de bens duráveis e crescimento nas receitas de máquinas para logística, construção civil e de componentes para bens de capital.

A queda nas exportações foi de 12% na comparação com o mês de abril/24 e de 20,5% em relação ao mesmo período de 2023. Com esse

resultado as exportações passaram a acumular no ano, queda de 8,6% em 2024 ante 4,9% em abril. O único aumento nas exportações foi registrado no segmento de máquinas rodoviárias.

No outro extremo as importações registraram expansão de 6,2% em relação ao mês de abril e queda de 0,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Assim como ocorre em vários setores da nossa economia, aqui também se registra a “invasão” de máquinas chinesas (US\$ 665 milhões). A China responde por mais de 28% das importações atuais.

Houve utilização de 74,8% da capacidade instalada, 0,5 p.p. abaixo do mesmo mês de 2023, mas 1,2 p.p acima de abril/23,

Houve também queda no número de pessoas empregadas (0,5%), com 386.869 colaboradores.

Fonte: Assessoria de Imprensa ABIMAQ.

Quadro resumo

Desempenho da indústria de Máquinas e Equipamentos

Variáveis	R\$ milhões constantes			Variação percentual sobre			
	mês	no ano	12 meses	mês anterior	mês do ano anterior	ano anterior	12 meses anteriores
Receita líquida total	20.901,95	99.288,04	269.080,48	-4,0	-17,7	-17,8	-14,6
Receita líquida interna	15.497,93	73.358,24	201.152,09	-0,7	-16,7	-19,4	-17,3
Consumo Aparente	29.164,39	135.709,01	345.574,97	2,6	-9,9	-11,2	-12,7

Variáveis	US\$ milhões			Variação percentual sobre			
	mês	No ano	12 meses	mês anterior	mês do ano anterior	ano anterior	12 meses anteriores
Exportação	1.052,79	5.130,03	13.474,79	-12,0	-20,5	-8,6	2,0
Importação	2.545,20	11.857,89	27.562,46	6,2	-0,9	7,2	5,0
Saldo	-1.492,42	-6.727,86	-14.087,67	24,4	20,0	23,4	8,0

Variáveis	mil pessoas			Variação percentual sobre			
	fim do mês	média no ano	média em 12 meses	mês anterior	mês do ano anterior	ano anterior	12 meses anteriores
Emprego	386.869	388.260	390.186	-0,5	-1,6	-1,3	-1,3



MECÂNICOS DE CARROS ELÉTRICOS

O crescimento da frota nacional de carros híbridos e elétricos vai exigir, cada vez mais, mecânicos especializados na sua manutenção.

A Ford criou um programa robusto de treinamento para os técnicos da sua rede.

Esse programa vem sendo desenvolvido há dois anos no Ford Academy, localizado na unidade Ipiranga do SENAI-SP, que possui um dos laboratórios de eletrificação mais completos do mercado e também é usado como referência para outros países da América do Sul.

Fonte: Imprensa Ford



Foto: Divulgação

PRIVATIZAÇÃO DA SABESP

No dia 23 de julho, na B3, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, participou da cerimônia que marcou a conclusão do processo de privatização da Sabesp, uma de suas promessas de campanha. A venda de 32% da empresa resultou em R\$ 14,8 bilhões aos cofres do governo paulista. O governo paulista, que detinha 50,3% dos papéis, decidiu ficar com apenas 18%. O fundo de investimento Equatorial cumpriu com as exigências

previstas na oferta pública inicial e, assim, adquiriu o bloco prioritário de 15% das ações da Sabesp, após desembolsar

R\$ 6,9 bilhões pela fatia da companhia. A demanda total da oferta pública alcançou recorde de R\$ 187 bilhões, a maior já registrada em ações semelhantes no Brasil. Aproximadamente 53% da demanda veio de investidores estrangeiros, com a transação atraindo fundos dos Estados Unidos, Europa e Ásia.



O ABSURDO DO CUSTO BRASIL



Foto: PhotoDisc

A Confederação Nacional da Indústria – CNI, divulgou um documento em que apresenta dados provando que o País gasta o equivalente a 20% do PIB com ineficiência. O setor produtivo desembolsa R\$ 1,7 trilhão a mais do que a média dos países da OCDE para produzir no Brasil. Bens e serviços nacionais perdem competitividade e quem paga a conta é você.

Segundo Leo de Castro, vice-presidente da CNI; “A redução do Custo Brasil é a condição para recuperar a competitividade da indústria brasileira”. <https://cseprs3.s3.amazonaws.com/email-editor-files/23f2e8db-c-276-4f19-9362-08d8e40a8ad4/132a919d-7004-4702-a2e0-2668a28b0c53.pdf>

UM PASSO A MAIS PARA A SUSTENTABILIDADE

O Congresso Nacional aprovou em 19/06/24 o Projeto de Lei nº 2308 de 2023, que reconhece o hidrogênio produzido a partir de etanol, biomassa e outros biocombustíveis como fontes estratégicas de hidrogênio verde que será gerado por fontes renováveis e passa a representar uma alternativa que não depende de recursos finitos como o petróleo, resultando em menor emissão de carbono. Com a implementação desse marco legal, o Brasil avança em direção a uma economia de baixo carbono, além do que a

nova legislação cria um ambiente favorável ao investimento em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologias para a produção de hidrogênio a partir de fontes renováveis.



Foto: Divulgação

CONTA DE LUZ VAI SUBIR

Por conta da previsão de chuvas abaixo da média até o final do ano, junto com o aumento de temperatura e maior consumo de energia, a bandeira amarela volta ao sistema de tarifas do consumo de energia elétrica após 26 meses. Esta alteração significa que a cada 100 kilowatt-hora (kWh) consumidos, terá um aumento de R\$1,885 no valor cobrado.



Foto: Divulgação

Uma das alternativas para as empresas será o mercado livre de energia, que segundo explica Uberto Sprung Neto, CEO da Spirit Energia, empresa que atua na assessoria de contratos para esse mercado, a comercialização de energia é feita de maneira livre, ou seja, não será afetada pela bandeira amarela.

ANUNCIANTES DESTA EDIÇÃO

Empresa	Página
Aço Cearense Comercial Ltda. - Sinobras	11
Aço Verde do Brasil - AVB	09
ArcelorMittal Brasil S.A.	02
Associação Latino-Americana do Aço - ALACERO	23
Benafer S/A - Comércio e Indústria	33
CEC Hidráulica Com. e Representação Ltda.	17
Cofercan Coml. de Ferros Canoense Ltda.	37
Congresso Aço Brasil	43
Dalleação Soluções em Aços Planos Ltda.	29
Divimec Tecnologia Industrial Ltda.	53
GV do Brasil Ind.e Com. de Aço Ltda. - Grupo Simec	13
Larzinho Casa Jesus, Amor e Caridade	59
Portal Agrimotor	51
Red Bud Industries	31
Revista Siderurgia Brasil	35
Sicetel / Abimetal	19
Teciam Telas e Tecidos Metálicos Ltda.	21
Villares Metals S.A.	15



Adote nosso Projeto

CURSO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

AJUDE-NOS A AJUDAR

Destine parte de seu **IMPOSTO DE RENDA DEVIDO** para o **Fundo Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo (CONDECA)**.

Assim você contribui para a realização de projeto do Larzinho já aprovado: **Reaprendizagem 360° Conexão, Desenvolvimento e Transformação, Certificado de Captação 0109**, e dê um futuro com mais oportunidades para as crianças e adolescentes.



COMO FAZER (IR):

De acordo com a Lei Federal nº 8.069, de 13/07/90, para todos que utilizam o modelo completo de declaração.

PESSOA FÍSICA: até 28/12/2023 doe até 6% sobre o imposto devido e, a partir de 01/01/2024, o limite passa para 3% na própria declaração.

PESSOA JURÍDICA: base lucro real, até 1%. Procure orientações com seu contador.

DICA: para cálculo do limite de doação, pegue a sua Declaração de IR do ano anterior (ano base 2022, exercício 2023, que foi entregue até 31/05/2023), veja qual foi o valor do Imposto Devido e calcule 6% (seis por cento) sobre esse valor. O resultado será o limite da doação que você poderá fazer até o dia 28/12/2023



COMO DOAR:

Depósito ou transferência entre contas identificados com Nome e CPF do doador, para o Banco do Brasil, agência 1897-X, conta 8947-8, CONDECA - Fundo Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo CNPJ 13.885.657/0001-25

Após, envie uma cópia do comprovante, e da CARTA DE DIRECIONAMENTO (modelo em nosso site) para o CONDECA e-mail: condeca@sp.gov.br, com cópia para o e-mail: presidente@larzinho.org.br, essa providência pode ser feita até 31/01/2024. No e-mail informar nome, CPF, endereço completo e telefone para a emissão do recibo de doação, que será enviado pelo FUNDO ao Doador.



Dúvidas? 11 97515-1401 com Walter
11 99772-0447 com Antonio
Ligue: 11 99261-0506 com Nakazone



www.larzinho.org.br



LarzinhoOsc